



LINK IT

Linking pre-departure and post-arrival support to facilitate the socio-economic integration for resettled refugees in the EU

Sessões de Informação para Autoridades Locais

Currículo da sessão Portugal

 **LINK IT** is an innovative project aimed at delivering better integration outcomes for Syrian refugees resettled from Jordan, Lebanon and Turkey to Germany, Portugal, Romania and the United Kingdom. The project focuses on strengthening the link between pre-departure and post-arrival integration support of refugees.

The aim of this curriculum is to enhance the capacity of receiving Local Authorities and prepare host communities by providing cultural backgrounds of Syrian refugees.



The opinions expressed in this document are those of the authors and do not necessarily reflect the views of the International Organization for Migration (IOM). The designations employed and the presentation of material throughout the report do not imply the expression of any opinion whatsoever on the part of IOM concerning the legal status of any country, territory, city or area, or of its authorities, or concerning its frontiers or boundaries.

IOM is committed to the principle that humane and orderly migration benefits migrants and society. As an intergovernmental organization, IOM acts with its partners in the international community to: assist in meeting the operational challenges of migration; advance understanding of migration issues; encourage social and economic development through migration; and uphold the human dignity and well-being of migrants.

© 2018 International Organization for Migration (IOM)

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise without the prior written permission of the publisher.

This publication has not been formally edited by IOM.

This document was produced with the financial assistance of the European Union. The views expressed herein can in no way be taken to reflect the official opinion of the European Union.



This document was funded by the European Union's Asylum, Migration and Integration Fund.

In partnership with:



Conteúdo

Introdução.....	5
Enquadramento.....	5
Grupo-alvo.....	5
Objetivo geral	5
Competências	5
Metodologia.....	5
Preparação e avaliação.....	6
Agenda provisória	7
Conteúdo da sessão.....	9
Unidade 1 - Introdução.....	9
Objetivos	9
Duração.....	9
Materiais.....	9
Metodologia.....	9
Conteúdo.....	9
Unidade 2 - Comunicação intercultural	11
Objetivos	11
Duração.....	11
Materiais.....	11
Metodologia.....	12
Conteúdo.....	12
Unidade 3 - A Síria antes do conflito	22
Objetivos	22
Duração.....	22
Materiais.....	22
Metodologia.....	23

Conteúdo.....	23
Unidade 4 - Experiência dos refugiados sírios antes da chegada.....	38
Objetivos	38
Duração.....	39
Material.....	39
Metodologia.....	39
Conteúdo.....	39
Unidade 5 - Adaptação cultural e resiliência	49
Objetivos	49
Duração.....	49
Material.....	50
Metodologia.....	50
Mensagens-chave	50

Introdução

Enquadramento

O presente currículo foi desenvolvido no âmbito do projeto *Link-it*, financiado pelo Fundo de Asilo, Migração e Integração da União Europeia, e visa melhorar os resultados de integração dos refugiados sírios reinstalados da Jordânia, do Líbano e da Turquia, na Alemanha, em Portugal, na Roménia e no Reino Unido.

O currículo adaptado para Portugal visa especificamente os refugiados sírios reinstalados da Turquia em Portugal.

Grupo-alvo

O grupo-alvo do presente currículo é composto por:

- Técnicos do município responsável pelo acolhimento, desde aqueles envolvidos na definição de políticas e programas a pessoal administrativo, pontos focais para a segurança social, emprego, educação, alojamento e dinamização social;
- Assistentes sociais e demais profissionais que prestem serviços de integração, incluindo saúde, educação e formação, técnicos do centro de emprego, polícia, senhorios, voluntários, etc.;
- Pessoal das organizações responsáveis pelo acolhimento de refugiados.

Objetivo geral

Apoiar as autoridades locais portuguesas no fornecimento de serviços de integração adequados para os refugiados sírios através do reforço dos seus conhecimentos relativos à cultura síria e de modo a dissipar mitos.

Competências

Mediante a participação nestas sessões, pretende-se que os participantes adquiram as seguintes competências:

- Domínio eficaz do conceito de comunicação intercultural;
- Capacidade em identificar mal-entendidos interculturais e reconhecer espectros de comunicação;
- Adquirir uma visão crítica sobre os desafios dos mal-entendidos interculturais e aplicar estratégias para a sua resolução/mitigação;
- Capacidade em identificar os diferentes sintomas e estados da adaptação cultural em diferentes indivíduos;
- Capacidade para promover ativamente a integração de refugiados sírios na comunidade.

Metodologia

Tendo em conta que acolhimento de refugiados reinstalados em Portugal é descentralizado, a realidade concreta do acolhimento varia bastante de município para município. Por outro lado, a realidade dos

refugiados sírios a reinstalar e a própria natureza do conflito são aspetos mutáveis. Face ao exposto, o presente currículo é desenhado de modo a adaptar-se às realidades concretas, garantindo assim que o material está o mais atualizado possível e é ajustado às necessidades de aprendizagem individuais.

Para esse efeito, será distribuído um questionário aos participantes nas semanas anteriores à sessão, com o objetivo de recolher informação sobre o seu perfil e sobre os objetivos de aprendizagem, que os facilitadores utilizarão para adaptar a sessão. Por outro lado, as atividades da sessão estão pensadas no sentido de garantir que o seu conteúdo é relevante para a experiência dos participantes, de modo a ligá-los às experiências dos refugiados, encorajando a empatia e a reflexão.

A sequência das unidades do currículo pode ser reorganizada no planeamento de uma sessão concreta sempre que tal seja necessário para alcançar as necessidades de aprendizagem do público alvo ou devido a constrangimentos de tempo.

A abordagem dos facilitadores deverá incluir os seguintes aspetos:

- Encorajar a aprendizagem transversal e apoiar os participantes na identificação de soluções para desafios que estes possam ter encontrado no seu trabalho;
- Reconhecer os participantes como peritos da sua área e encorajar que estes apliquem os seus conhecimentos de forma interligada e com uma nova compreensão sobre a realidade;
- Criar uma atmosfera segura e inclusiva que encoraja todas as contribuições e questões sem medo de julgamento;
- Apresentar uma compreensão equilibrada da complexidade e dos pontos fortes dos assuntos relacionados com os refugiados sírios, sem generalizações, enfatizando a importância da individualidade.

Preparação e avaliação

De modo a rentabilizar mais eficazmente o tempo da sessão, é necessário a reflexão dos participantes pré-sessão em dois aspetos: na distribuição dos questionários mencionados no ponto anterior e, sempre que a sessão 5 for incluída numa sessão, a distribuição de um artigo para leitura antes da sessão, bem como um guia para a discussão. Deve, portanto, ser transmitido com clareza aos participantes a importância do seu compromisso para a conclusão destas tarefas antes da realização da sessão.

Antes da sessão os facilitadores devem ainda confirmar os seguintes pontos:

- ✓ Identificar o local de formação
- ✓ Quando possível, visitar o espaço para adequar a preparação da sala e quando tal não for possível perguntar à entidade responsável pelo local como se configura o espaço
- ✓ Identificar os participantes
- ✓ Enviar convites e fazer *follow-up* dos mesmos

- ✓ Organizar logística (transporte, alimentação, materiais para os participantes e para a organização da própria sessão)
- ✓ Rever a apresentação *power point* e os conteúdos de cada módulo (se necessário)
- ✓ 15 dias antes, distribuir materiais de leitura (ver a unidade 5 relativa a adaptação cultural) e solicitar aos participantes que leiam o material, considerem as questões em discussão e se preparem para as discutir no dia da sessão
- ✓ 5 dias antes (pelo menos), distribuir questionários aos participantes antes de cada sessão de modo a apurar expectativas e delinear a sessão de acordo com as necessidades individuais de aprendizagem
- ✓ Reconfirmar participantes
- ✓ Relembrar os participantes

No fim de cada sessão, devem ser distribuídos formulários de avaliação anónimos pelos participantes, de modo a obter o seu feedback da sessão (facilitador, conteúdo e programa). Os formulários completos devem ser revistos pelo facilitador, de modo a incluir os seus resultados no relatório da atividade, sendo de encorajar a partilha de um sumário da avaliação com o parceiro local que colaborou com a organização da sessão.

Agenda provisória

Esta agenda que aqui se disponibiliza é meramente indicativa, devendo ser reavaliada na preparação de cada sessão, dependendo do espaço, dos participantes (número e área de trabalho) e da sua disponibilidade.

9:00 – 9:10	Registo dos participantes
9:10 – 9:35	Unidade 1 - Introdução
9:35: 10:35	Unidade 2 - Comunicação Intercultural
10:35 – 10:45	Pausa para café
10:45 – 12:25	Unidade 3 - A Síria antes do conflito
12:25 – 14:00	Almoço
14:00 – 14:55	Unidade 4 - Experiência dos refugiados sírios antes da chegada

14:55 - 15:05	Pausa para café
15:05 – 17:15	Unidade 5 - Adaptação cultural e resiliência

Conteúdo da sessão

Unidade 1 - Introdução

Objetivos

A Unidade 1 visa que os participantes reflitam sobre as suas expectativas em relação à sessão. A introdução é um momento fundamental para partilhar o perfil do facilitador, dar a conhecer os objetivos do dia e encorajar uma ligação entre as experiências dos participantes e dos refugiados, de modo a encorajar a empatia e a compreensão. Os resultados da aprendizagem são os seguintes:

- Compreender o propósito e a estrutura da sessão
- Criar um ambiente amigável
- Encorajar a discussão e a interação entre os participantes e com os facilitadores
- Compreender as experiências partilhadas pelo grupo no que diz respeito a adaptação cultural

Duração

1.1 10 minutos para boas vindas e introdução

1.2 15 minutos para atividade quebra gelo

Materiais

- Quadro branco
- Apagador
- Marcadores
- *Datashow*
- Computador
- Apresentação *powerpoint*
- Papel
- Canetas

Metodologia

Participativa, com recurso a dinâmica quebra-gelo

Conteúdo

1.1 Introdução e boas vindas

1) Dar as boas vindas aos participantes.

Agradecendo o facto de terem dedicado tempo para participar na sessão e para preencher os questionários pré-sessão. Pode ser perguntado às autoridades locais se estas pretendem fazer a abertura da sessão, especialmente se os questionários-pré sessão indicarem questões que sejam específicas daquela localidade.

- 2) **Apresentar a OIM** em termos globais e o escritório local (missão, visão, envolvimento em atividades de reinstalação no mundo e em Portugal, bem como informação específica sobre história do escritório em Portugal e projetos em curso)
- 3) **Apresentar os facilitadores**, de onde são, o seu papel e experiência.
- 4) **Referir que autoridades estão presentes**, para que todos os participantes, caso ainda não se conheçam, possam ter informação sobre os demais participantes.
- 5) **Fazer uma breve apresentação da sessão**.

1.2 Quebra-gelo

Pedir aos participantes que dobrem uma folha ao meio, e num dos lados, escrevam seu nome, cargo e organização que representam no topo da página

Quando todos terminarem, pedir aos participantes que troquem a caneta de mão e respondam às 3 questões, que são colocadas de forma pausada, para dar tempo a que os participantes escrevam. Como exemplo, pode ser perguntado o seguinte:

- Se pudesse ter acesso permanente a um alimento/comida/prato qual seria?
- O que mais gosta de fazer nesta altura do ano?
- Se pudesse viajar para qualquer sítio, que sítio seria?

De seguida, pedir aos participantes para formarem grupos de 4-6 pessoas nos quais se apresentam com recurso à informação que escreveram, em apenas 3 a 5 minutos.

De seguida, pedir aos grupos que discutam em grupo o que sentiram ao escrever com a mão “errada”, o que sentiram, como o fizeram ou como reagiram? (pelo menos 5 minutos).

Por fim, em plenário, pedir voluntários para descreverem os sentimentos ou reações discutidos pelo seu grupo. Fazer perguntas de follow-up e encorajar a partilha de mais detalhes se apropriado. As respostas mais comuns (que o facilitador encoraja, caso não sejam imediatamente dadas) são as seguintes:

- Estranheza
- Vulnerabilidade
- Frustração
- Lentidão
- Maior necessidade de concentração
- Dificuldade
- Utilização de frases mais curtas (auto-censura para garantir eficiência)

- Infantilização
- Divertido
- Sentido de realização
- Surpresa agradável
- Fácil (participantes ambidestros)

Os facilitadores apontam as respostas dadas e quando todos colaboraram, ligar estas respostas à experiência de adaptação cultural. O facilitador deve sublinhar o quão universal é a experiência humana e perguntar aos participantes para que tenham estes sentimentos em mente enquanto aprendem um pouco mais sobre a experiência dos refugiados sírios durante a sessão.

Os facilitadores colam as folhas do *flipchart* onde anotaram os sentimentos na parede durante todos os módulos.

Unidade 2 - Comunicação intercultural

Objetivos

A Unidade 2 visa uma melhor compreensão dos desafios das interações interculturais e o papel basilar de cada cultura na compreensão do mundo por parte dos indivíduos. Esta unidade aborda assim os conceitos chave no âmbito da comunicação intercultural, identifica potenciais riscos de mal-entendidos, reforça o conhecimento dos participantes sobre os seus próprios pressupostos culturais e reflete sobre as implicações destes pressupostos no trabalho com refugiados sírios. Os resultados da aprendizagem para esta unidade são os seguintes:

- Compreender os conceitos centrais em comunicação intercultural
- Ser capaz de identificar possíveis fontes de mal-entendidos interculturais
- Consciencializar os participantes para os seus elementos culturais e sobre como estes influenciam as suas perspetivas e expectativas em interações interculturais
- Refletir sobre as implicações das preferências pessoais de comunicação no trabalho com refugiados sírios

Duração

2.1. 30 minutos para uma apresentação introdutória sobre comunicação intercultural

2.2 30 minutos para debate sobre idiomas enquanto reflexo das expectativas culturais

Materiais

- Quadro branco
- Apagador
- Marcadores

- Datashow
- Computador
- Apresentação *powerpoint*
- Canetas
- Papel

Metodologia

Participativa, dando tempo aos participantes para colocar questões e comentários e com recurso a debate estruturado.

Conteúdo

2.1. Apresentação introdutória sobre comunicação intercultural

Explicar o conteúdo do módulo e definir o conceito de cultura, explorando o conceito, a sua ambiguidade, abrangência, dimensões (dimensão social e pessoal) e mutabilidade.

Cultura

Cultura pode ser definida das seguintes formas:

- *“Conhecimento, crenças, artes, moral, lei, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos enquanto membro da sociedade.”* UNESCO
- *“Um conjunto difuso de hábitos, crenças, normas comportamentais, pré-conceitos básicos e valores que são partilhados por um grupo de pessoas e que influencia o comportamento de cada membro bem como a sua interpretação do “significado” do comportamento de outras pessoas.”* (Spencer-Oatey, 2000)
- *“6. Desenvolvimento de certas faculdades através da aquisição de conhecimentos; educação. 7. Conjunto dos conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo enquanto ser social; saber. 8. Conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades¹. 9. Sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e coletiva dessa sociedade ou grupo”* Dicionário da língua portuguesa – Porto Editora

A cultura tem uma natureza multifacetada, que não se captura numa única definição. As definições partilhadas não são opostas: elas complementam-se e sobrepõem-se. No dicionário da Língua Portuguesa há 9 formas de definir cultura, tendo-se escolhido apenas 4 para mencionar aqui.

Modelo icebergue

¹ Definição antropológica – Edward T. Hall

Apresentar o **modelo icebergue** recorrendo a uma imagem demonstrativa do modelo no *powerpoint*.

A combinação das diferentes definições torna visíveis os diferentes aspetos da definição, que se capturam no modelo icebergue. Este modelo de cultura foca-se nos aspetos visíveis da cultura (topo do icebergue) e dá também ênfase aos elementos da cultura que se encontram escondidos (parte do icebergue que se encontra submersa) e que podem exercer uma grande influência nas pessoas sem que esta seja explícita ou sequer consciente:



As diferenças culturais verificam-se nos dois níveis do icebergue: no topo, temos diferenças que são fáceis de identificar: temos a língua, a comida, a roupa, os costumes do dia-a-dia (dar 3 exemplos rápidos), mas as traves mestras que moldam o nosso entendimento do mundo e a forma como respondemos a situações podem ser muito mais difíceis de compreender e situam-se na parte submersa do icebergue. Os facilitadores podem dar alguns exemplos (2 ou 3), perguntando aos participantes, por exemplo, o que determinados gestos significam numa ou noutra cultura, explorar diferentes noções de beleza, de amizades, de percepção do "eu" ou outros.

De acordo com Edward T. Hall (antropólogo) *"a cultura esconde mais do que aquilo que revela. E estranhamente, o que esconde, esconde mais eficazmente dos seus próprios participantes"* – portanto, tal como num iceberg a maior parte da cultura está debaixo de água e não é imediatamente visível para aqueles que a experimentam.

Ou seja, os nossos hábitos, valores e crenças não são apenas uma criação pessoal, mas resultam em grande medida das diferentes influências culturais a que somos sujeitos ao longo da vida. Muitas vezes não temos

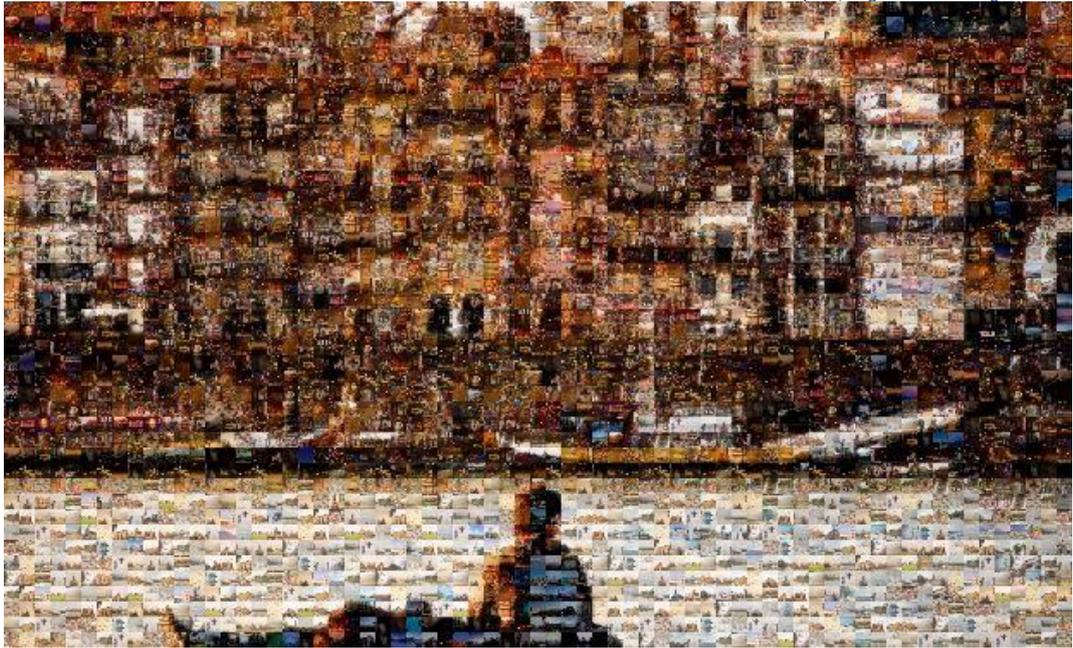
consciência da nossa própria cultura e da profunda influência que esta tem em nós. A imagem da cultura como cola lembra-nos da importância de manter um grupo de pessoas juntas e permite-nos mais ou menos antecipar respostas dos outros.

A imagem abaixo parece uma pintura de uma paisagem em Arraiolos:



Contudo, esta imagem é na verdade a composição de várias outras imagens, de pessoas e de paisagens diferentes. A cultura também pode ser pensada assim: se vista de longe parece uniforme, se vista de perto, conseguimos perceber mais claramente os elementos individuais que a compõem e ver as suas especificidades.

Esta outra imagem parece apresentar uma outra realidade: a Ribeira no Porto, contudo é composta pelas mesmas fotografias que compõem a imagem anterior:



Olhando então para esta dimensão do pessoal, deve também sublinhar-se que a cultura se refere mais a grupos do que a países: no mesmo país podemos encontrar diversos grupos e subgrupos que podem identificar-se com diferentes aspetos etno-religiosos ou ter diferentes hábitos, profissões e ideologias. (No sul de Portugal é frequente comer-se caracóis, o que no Norte não acontece tanto, sendo inclusive visto com alguma repulsa por pessoas que não estão familiarizadas com esse hábito.) Além disso, os indivíduos também podem pertencer simultaneamente a diferentes grupos culturais e podem adaptar, consciente ou inconscientemente o seu comportamento, dependendo do contexto em que se encontra. Deste modo, faz mais sentido falarmos em afiliações culturais dos indivíduos do que falar na cultura como um todo.

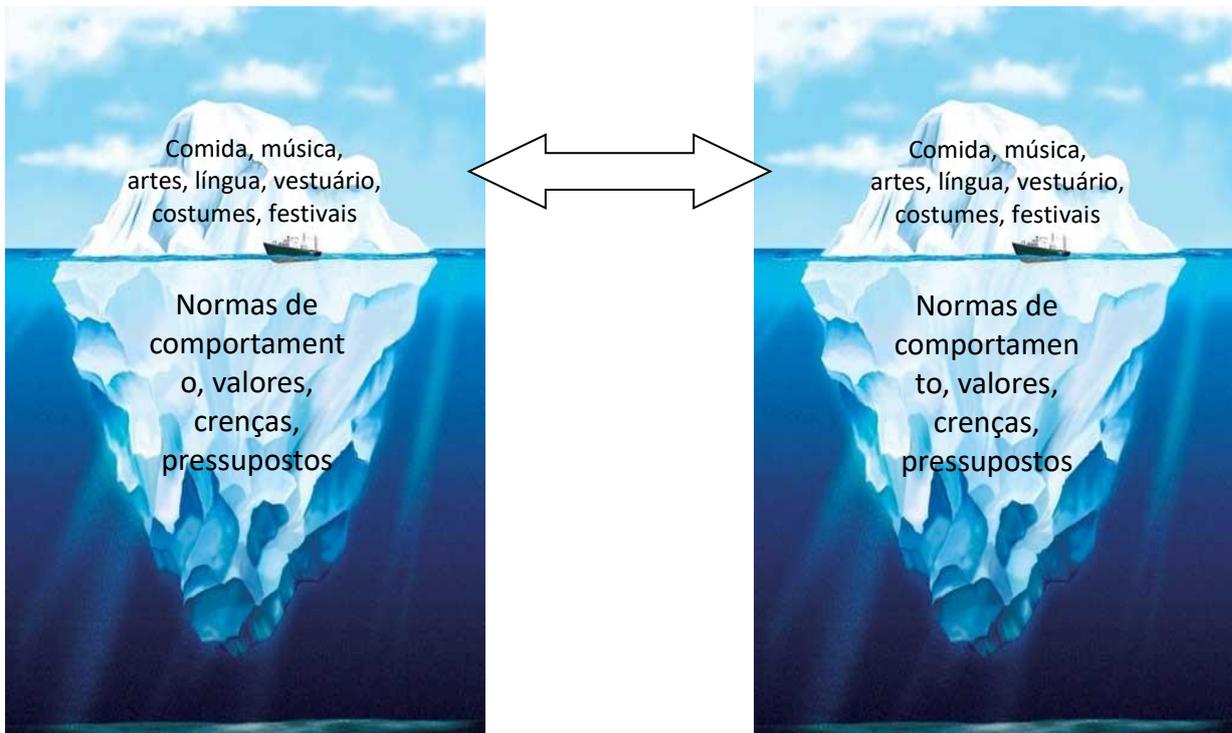
Neste sentido, não poderemos, portanto, assumir que só por uma pessoa ser proveniente da Síria que irá subscrever todas as crenças e comportamentos que são comuns na região. Nesta sessão, pretende olhar-se para a variedade dos grupos culturais existentes na Síria e, muito embora se abordem tendências culturais comuns, é vital olhar para além da imagem inicial recordar que cada indivíduo tem as suas próprias experiências e ideias, devendo ser encarado como tal.

Por fim, e quando pensamos em cultura, temos que reconhecer que os grupos culturais estão em permanente mutação. Alguns membros da sociedade podem instigar a mudança e outros podem considerar essa mudança como uma perda da “verdadeira” cultura. Tendo em conta a miríade de acontecimentos e as mudanças abruptas do conflito na Síria trouxe para os sírios, é fundamental reconhecer que as suas atitudes e comportamentos podem ter sido influenciados quer pelas condições da Síria antes do conflito bem como por todos os eventos experienciados desde o início do conflito. Isto é um exemplo de como a cultura é viva e mutável: está sempre a mudar – é algo que somos)

Em suma, a cultura é assim algo que pode ser definido de várias formas e que tem vários níveis que influenciam o nosso comportamento e não é estanque: uma pessoa pode inserir-se em vários grupos culturais, devido às suas influências e experiências pessoais em cada momento da sua vida.

Debater os encontros interculturais

Os encontros culturais ocorrem quando duas ou mais pessoas que se consideram ou são consideradas pelos outros como tendo afiliações culturais interagem uma com a outra.



Conforme abordámos, é relativamente fácil identificar as diferenças visíveis das culturas, razão pela qual muitos encontros culturais se focam apenas nestes elementos.

Contudo, o foco exclusivo nestes fatores irá limitar a nossa compreensão das expectativas e dos comportamentos dos membros de outra cultura. Em todo o caso, é difícil identificar e compreender os elementos mais escondidos, apesar do papel importante que estes têm.

É relativamente fácil identificar-se diferenças culturais sobre os aspetos que estão à superfície do icebergue. Contudo, desconsiderar os elementos mais profundos irá limitar o entendimento sobre as expectativas e sobre o comportamento dos membros de outra cultura.

Muitas vezes os mal-entendidos que podem surgir entre pessoas de culturas diferentes vão-se situar na parte do icebergue que não está à superfície.

Veja-se o seguinte exemplo:



Temos aqui várias formas de perceber a realidade de forma diversa, o que irá certamente ter um impacto nas expectativas dos intervenientes relativamente aos comportamentos esperados em relação ao outro.

A comunicação é eficaz quando a pessoa que interpreta a mensagem dá um sentido a esta mensagem que é relativamente semelhante àquilo que era pretendido pela pessoa que a transmite. Isto é, a comunicação é eficaz na medida em que permite a maximização do entendimento. Muitas vezes, interpretamos as mensagens com base nas nossas referências, o que é um desafio na comunicação intercultural, uma vez que devemos conseguir interpretar a mensagem de forma mais abrangente.

Como é que os espectros de dimensões culturais influenciam a comunicação

Nesse sentido, os modelos para compreender as interações interculturais estão a evoluir desde os anos 60 e nos dias de hoje há diversos modelos que procuram trazer à tona esses elementos escondidos. Uma

caraterística popular em vários modelos olha para as dimensões culturais, que fornecem espectros de conjuntos de comportamentos preferidos por um grupo cultural. As dimensões variam consoante os modelos, mas cada um fornece um enquadramento para que se compreenda que elementos de diferença existem entre culturas. É, portanto, importante ver as definições não como etiquetas mas como espectros de potenciais crenças e comportamentos, com diferentes grupos culturais a situarem-se em partes diferentes da linha².

Individualismo ←—————→ **Comunitarismo**

Como se orientam os interesses e a tomada de decisões?

O espectro “**Individualismo/Comunitarismo**” explora a prioridade que é dada aos interesses do indivíduo face aos interesses do grupo ao qual pertence.

Numa cultura de cariz individualista, presume-se que cada um toma as suas decisões e toma conta das suas próprias necessidades, assumindo as responsabilidades que destas resultem. Espera-se que cada pessoa escolha as suas afiliações. Este tipo de sociedades considera que a qualidade de vida resulta da liberdade e desenvolvimento individuais. As decisões são adotadas sem consultar os interesses do grupo e qualquer impasse pode ser resolvido com recurso a votação.

Ao invés, numa sociedade comunitária, os seus membros são vistos em primeiro lugar como membros de um grupo ao qual pertencem, grupo esse que ajuda e protege em troca de um sentido forte de lealdade. As sociedades comunitárias acreditam que a qualidade de vida de uma pessoa é maior quando esta toma conta de outros e do grupo como um todo. A comunidade surge primeiro que o indivíduo e as pessoas orientam-se em primeiro lugar para atingir as metas e os objetivos comunitários. Nestas sociedades as decisões são frequentemente tomadas por consenso.

Baixa aversão à incerteza ←—————→ **Alta aversão à incerteza**

Quão importantes são as estruturas e as convenções?

A **aversão à incerteza** reflete o nível mediante o qual as pessoas gerem a ansiedade mediante uma diminuição da incerteza. Quando estamos perante níveis elevados de aversão à incerteza estamos perante pessoas que tentam tornar a vida o mais previsível possível, normalmente favorecendo a estrutura social e dando importância a rituais e procedimentos em várias áreas da vida social, desde a religião à comida e a interações sociais. Na outra extremidade do espectro, encontra-se a baixa aversão à incerteza, que está frequentemente relacionada com uma maior permissibilidade de opiniões diferentes, que prefere o mínimo de regras necessárias e permite a coexistência de diferentes crenças e religiões. Evitar a incerteza não é necessariamente o mesmo que evitar o risco, mas é mais no sentido de reduzir ambiguidades. Alguns

² As dimensões identificadas nesta unidade são uma combinação de dois modelos: um de Geert Hofstede e outro de Fons Trompenaars e Charles Hampden-Turner.

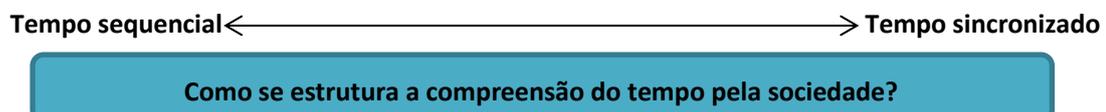
académicos defendem que é possível encontrar pessoas em países com alta aversão à incerteza que estão dispostas a ter comportamentos arriscados pois estes limitam as ambiguidades ou podem até ajudar a evitar fracassos.



O espectro **Pragmatismo/Normativismo**, também conhecido como orientação a longo/baixo prazo, descreve o nível mediante o qual a sociedade olha para possibilidades futuras ou desenvolvimentos ou procura agarrar-se às suas tradições. Aqueles que se inclinam para a extremidade do pragmatismo ou longo prazo tendem a focar-se em possibilidades futuras, através do exame das formas que podem ser utilizadas para prepara o futuro, por exemplo através de inovações ou recompensas futuras que podem ser alcançadas através de experimentação. Na outra extremidade do espectro, as pessoas podem ter algumas desconfianças em relação à mudança, preferindo agarrar-se a tradições e manter fortes laços com o passado. Numa cultura orientada mais para o passado, o futuro pode ser visto como uma repetição de experiências passadas. Nesse caso, eventos passados podem ser vistos como uma fonte melhor de respostas a desafios atuais e as pessoas dão assim prioridade à preservação dos costumes.



O espectro da **realização/atribuição** explora de que forma o estatuto pessoal é determinado numa sociedade. O reconhecimento é feito com base no desempenho ou associa-se mais ao estatuto social? As sociedades que se inclinam mais para o espectro da realização esperam que o reconhecimento seja fruto dos seus esforços e méritos individuais. Nas sociedades mais inclinadas para a atribuição, algumas pessoas podem esperar que o estatuto social seja o fundamento para o sucesso e não a realização pessoal. O estatuto social pode ter por base categorias como o género, idade, classe social, educação, etc. A realização foca-se mais no que faz o indivíduo e a atribuição mais em quem o indivíduo é.



O espectro **tempo sequencial/tempo sincronizado** foca-se na abordagem de uma determinada cultura à estruturação da sua compreensão do tempo. As pessoas costumam fazer várias coisas ao mesmo tempo ou fazem uma coisa de cada vez? As sociedades que estruturam o tempo de forma sequencial tendem a ver o tempo como uma série de eventos, com cada um para ser feito no seu devido momento. As pessoas destas culturas tendem a tratar o tempo como uma mercadoria e preferem planear e manter os planos de como gastar o seu tempo com uma certa atividade. Os grupos culturais que tendem a ver o tempo de forma mais

sincronizada tendem a valorizar mais as prioridades do que tempos limite predeterminados. Os indivíduos que estão habituados a esta perspetiva tendem a fazer várias coisas ao mesmo tempo, dando prioridade ao que é considerada a coisa certa a fazer num determinado momento. Os compromissos de tempo podem ser desejáveis, mas não são vistos como absolutos e os planos podem ser alterados facilmente.

Neutro ←————→ **Emocional**

Como é que as pessoas expressam emoções?

O espectro **neutro/emocional** avalia o nível mediante o qual as pessoas expressam as suas emoções e a troca entre razão e emoção nas relações. Todas as culturas têm normas sobre a forma de exprimir emoções. Em culturas mais emocionais, as pessoas podem expressar as suas emoções de forma livre e espontânea, embora tal possa variar da esfera pública para a privada. Nas culturas que se tendem a orientar para uma maior neutralidade, as pessoas podem ser ensinadas que não é apropriado demonstrar emoções abertamente, mesmo em contexto mais privado. Neste tipo de cultura as manifestações espontâneas de emoção deixam as pessoas incomodadas.

Controlo interno ←————→ **Controlo Externo**

Como controlamos ou somos controlados pelo nosso ambiente?

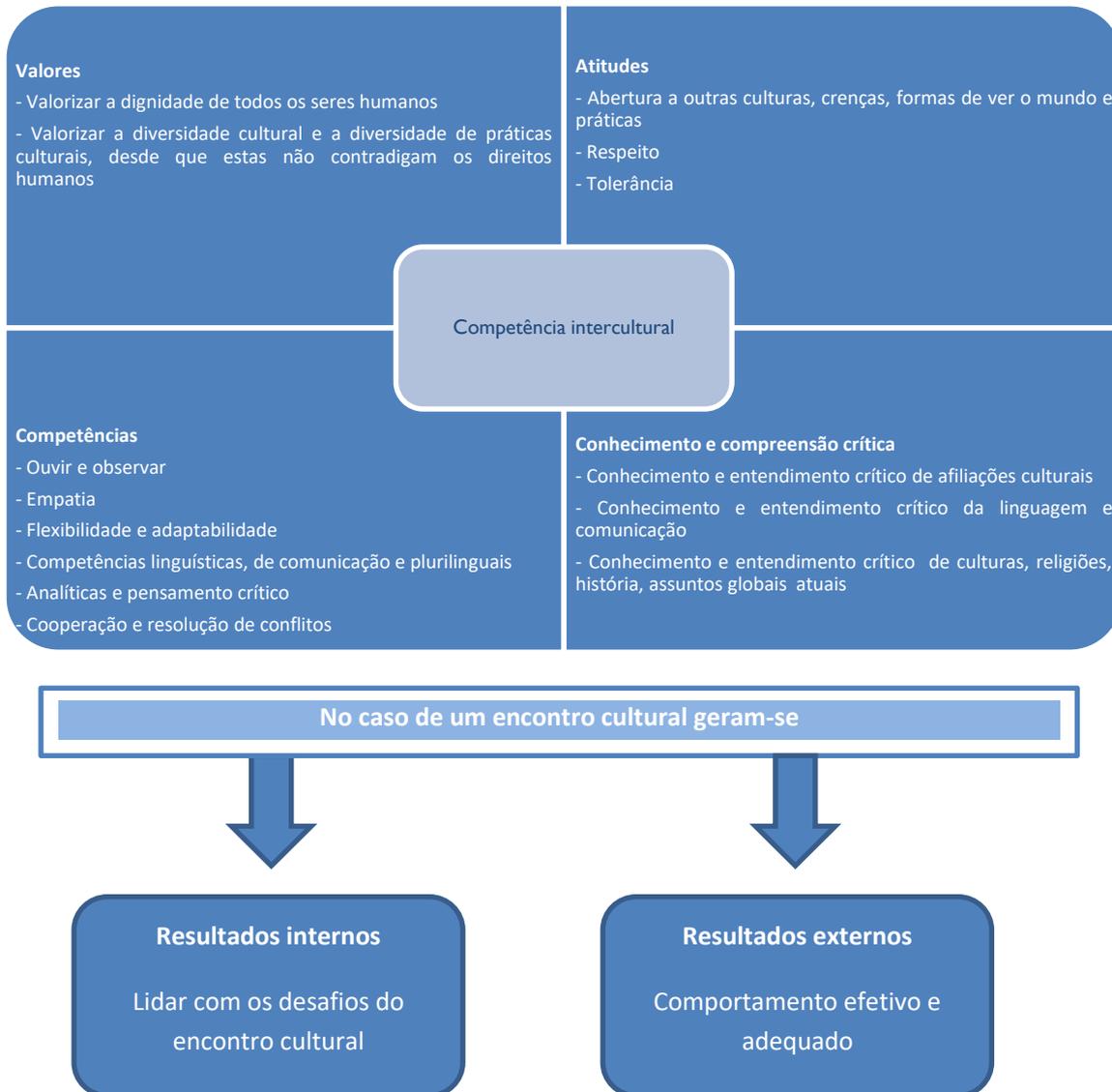
O espectro **controlo interno/controlo externo** diz respeito ao valor que as pessoas atribuem ao seu ambiente e o papel que este tem na determinação de eventos. As pessoas em sociedades que valorizam o controlo interno tendem a acreditar que podem moldar o seu ambiente às suas necessidades, e consequentemente determinar melhor a forma do seu futuro. Um obstáculo não modifica uma meta, mas a forma de a alcançar. As sociedades que tendem para uma ideia de controlo externo percebem o ambiente mais como uma realidade fixa que exerce controlo sob os indivíduos. Os indivíduos dessas culturas podem procurar viver em harmonia com esta realidade, alinhando as suas ações com o ambiente e com os outros, em vez de o alinhar com os seus desejos individuais ou tentar alterar o ambiente.

Competência intercultural

A competência intercultural pode definir-se como “a capacidade de mobilizar valores, atitudes, competências, conhecimento e um entendimento crítico de modo a responder de forma apropriada e eficiente às exigências, desafios e oportunidades que são apresentadas em encontros interculturais”³. Assim, enquanto que a dimensão cultural pode ser uma ferramenta muito valiosa para compreendermos perspetivas culturais diferentes das nossas, sozinha esta dimensão não é suficiente para se traduzir em interações culturais significativas. O conhecimento é um pilar da competência intercultural ao lado de outros pilares: os valores, as competências

³ Folheto da sessão 6 do projeto Admin4All.

e as atitudes, e estes 4 pilares têm um papel igualmente importante, conforme é demonstrado pelo gráfico do projeto Admin4All que se baseia no trabalho do Conselho da Europa:



Embora cada elemento deste modelo mereça ser explorado, a presente sessão foca-se em desenvolver o conhecimento e entendimento crítico das experiências dos refugiados sírios. Contudo, é importante reter que existem outros elementos de competência intercultural e enfatizar que podem ser desenvolvidas competências, atitudes e valores de modo a aumentar a competência intercultural de cada um.

2.2. Debate

No fim da apresentação, dividir os participantes em grupos de 5 (o facilitador deve promover a interação entre os participantes), e pedir-lhes para escreverem 5 expressões idiomáticas, dando um exemplo. Os

facilitadores devem ter uma lista de expressões, para o caso de haver grupos com mais dificuldades em lembrar-se de exemplos. (5 minutos).

Depois de cada grupo ter escrito as expressões idiomáticas, dar 10 minutos ao grupo para discutir as dimensões culturais representadas pelas expressões idiomáticas e nesse momento exemplificar o que se pretende com a expressão idiomática utilizada como exemplo (“Engolir sapos”, pode representar uma maior preferência por um espectro comunitário ou neutro).

Depois da discussão, pedir a cada grupo para apresentar uma expressão idiomática e expor as dimensões culturais que esta reflete (15 minutos). As expressões devem ser escritas no *flipchart* e deve ser pedido aos participantes para manterem em mente essas expressões e as dimensões culturais identificadas à medida que se apresenta a informação sobre a cultura e costumes sírios. Os participantes conseguem identificar diferenças nas dimensões culturais e possíveis mal entendidos que podem surgir de tais diferenças?

Unidade 3 - A Síria antes do conflito

Objetivos

Esta unidade apresenta uma pequena visão geral sobre a vida na Síria antes do início do conflito. Será dada ênfase às condições na Síria que moldam as expectativas de vários sírios em Portugal, particularmente quando essas diferenças criam frustrações ou mal-entendidos. Os resultados da aprendizagem para esta unidade são os seguintes:

- Compreender as experiências de vida dos sírios e identificar em que medida estas influenciam as suas expectativas e o seu entendimento sobre a vida em Portugal
- Identificar aspetos culturais da Síria que apresentam oportunidades para envolvimento no país de acolhimento (comida, entretenimento, interesses)
- Refletir sobre as implicações dos mal-entendidos culturais e/ou desafios de integração no país de acolhimento e explorar formas de antecipar/mitigar esses desafios

Duração

- 3.1. – 10 minutos de introdução à Síria
- 3.2. – 20 minutos de apresentação sobre tradições culturais
- 3.3. – 20 minutos de apresentação sobre vida familiar
- 3.4. – 10 minutos de apresentação sobre infraestruturas sociais
- 3.5. – 10 para uma atividade com vídeos sobre a Síria urbana e rural e breve discussão
- 3.6. – 30 minutos para o exercício “bola de neve”

Materiais

- Quadro branco
- Apagador

- Marcadores
- *Datashow*
- Computador
- Colunas de som
- Vídeos
- Apresentação *powerpoint*
- Brochuras informativas

Metodologia

Participativa, com recurso a brochuras informativas sobre a Síria, apresentação de um vídeo e debates estruturados

Conteúdo

3.1. Introdução à Síria antes do conflito

Apresentar os tópicos chave com recurso a slides às notas do currículo, podendo ser ajustadas às necessidades concretas dos participantes na sessão. Os resultados dos questionários pré-sessão podem influenciar que se gaste mais ou menos tempo em certos tópicos. Deve ser reservado tempo para os participantes fazerem perguntas comentários, de modo a envolverem-se com o material apresentado.

Aspetos introdutórios gerais

A Síria situa-se no sudoeste asiático, no norte da península árabe, e faz fronteira com a Turquia a norte, com o Líbano e Israel a oeste e a sudoeste, com o Iraque a oeste e com a Jordânia no sul. A Síria tem também uma costa voltada para o mar mediterrâneo.

Antes do conflito, a Síria era um país razoavelmente desenvolvido com uma taxa de empregabilidade relativamente forte. Os sírios são conhecidos no mundo árabe pelas suas competências em matéria de acolhimento e construção. Também existe uma classe empreendedora muito forte na Síria, com muitos negócios familiares ou pequenos negócios. Existia também uma classe profissional de médicos, engenheiros, químicos, professores, jornalistas, etc.

A Síria é um país multicultural e multirreligioso e a sua língua oficial é o árabe. Antes do conflito, a população estimada era de 22 milhões, e a maior parte vivia na parte ocidental do país, ao longo do rio Eufrates. 87% da população é muçulmana e dessa, 74% são sunitas, e os restantes xiitas. Cerca de 10% da população é cristã e os restantes 3% são judeus, druzos ou yazidis⁴.

Os folhetos informativos que se disponibilizam na sessão contêm mais informação sobre a geografia e a história da Síria, bem como mais informação sobre grupos culturais específicos. É importante referir que a

⁴ CIA World Factbook: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>

Síria não é um país com uma sociedade homogênea, não devendo ser feita uma generalização sobre as preferências individuais dos grupos de refugiados que chegam a Portugal.

Na Síria, os cuidados de saúde e a educação são ou gratuitos ou muito baratos. Contudo, devido a uma história de negligência das zonas rurais, o nível de acesso aos serviços varia consoante as comunidades, bem como variam também alguns aspetos do dia-a-dia. Aproximadamente 54% da população vive em zonas urbanas e 46% em áreas rurais⁵. [Durante a sessão deve haver o cuidado de espelhar diferenças entre comunidades rurais e urbanas.]

Sistema de saúde

O sistema de saúde na Síria melhorou bastante desde os anos 70. A esperança média de vida aumentou nesta década de 56 anos para 73 anos de 2009. A mortalidade infantil caiu de 41.7 por cada 1000 em 1993, para 18.9, em 2008, e no mesmo período a mortalidade materna caiu de 107 para 56 em 1000⁶. Não obstante, o investimento na saúde representava apenas 3% do PIB em 2011⁷, *versus* 9% em Portugal⁸. Consequentemente há diferenças na acessibilidade aos serviços de saúde. Em 2009, em Damasco, havia 1 médico para 339 pessoas, enquanto que em algumas comunidades rurais, no mesmo ano, havia 1 médico para 1,906⁹. (Em Portugal, em 2015, havia 1 médico por cada 216,7 habitantes¹⁰.) Enquanto que as cidades podem ter instalações médicas modernas, as zonas rurais podem apresentar desafios a nível de acessibilidade a cuidados de saúde.

Cerca de 90% da medicação utilizada na Síria era produzida neste país, principalmente em fábricas à volta de Damasco, Aleppo ou Homs¹¹, o que é importante reter quando se pensa em como o panorama mudou desde o início do conflito.

No que diz respeito a expectativas em relação ao sistema de saúde, muitos sírios estão habituados a serem visto pelo médico no próprio dia e ter acesso direto a farmacêuticos que vendem medicamentos, nomeadamente antibióticos, sem receita médica, bastando que os clientes lhes descrevam os sintomas. O facto de em Portugal ser necessário marcar consultas, muitas vezes ter que se esperar algum tempo para ser visto por um especialista e a necessidade de receitas médicas para alguns medicamentos surge muitas vezes como um desafio para alguns sírios que interpretam estas diferenças como demonstrado uma qualidade inferior do serviço de saúde.

⁵ Ibid.

⁶ Terceiro Relatório de Progresso dos ODMs, República Árabe Síria, 2010, <http://www.undp.org/content/dam/rbas/report/MDGR-2010-En.pdf>, pg. 15 e 16.

⁷ OMS, Observatório Global de Saúde, Síria, <http://apps.who.int/nha/database/ViewData/Indicators/en>

⁸ <https://www.pordata.pt/Portugal/Despesa+corrente+em+cuidados+de+sa%C3%BAde+em+percentagem+do+PIB-610>

⁹ Centro de Recursos de Orientação cultural, Refugiados Sírios, 2014, pg. 3, <http://philarefugeehealth.org/wp-content/uploads/2014/03/Refugees+from+Syria.pdf>

¹⁰ PORDATA, <https://www.pordata.pt/Europa/N%C3%BAmero+de+habitantes+por+m%C3%A9dico-1705>

¹¹ OMS "A República Árabe Síria está a experienciar uma grave insuficiência de medicamentos e produtos farmacêuticos, 8 Agosto, 2012, <https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/syrian-arab-republic-experiencing-severe-shortages-medicines-and>

A saúde mental ainda carrega algum estigma na Síria, o que se reflete de certo modo nas infraestruturas de saúde mental: para uma população de 22 milhões, existiam em 2011 apenas 2 hospitais psiquiátricos e 70 psiquiatras em todo o país¹². Assim, apenas os casos mais severos de saúde mental eram referenciados, o que demonstra que não é comum pedir ajuda lutar contra uma depressão ou combater a ansiedade.

As famílias continuam a ser o principal apoio para cuidar de crianças: as mulheres grávidas e recém-nascidos são acompanhados pelas suas mães, sogras, irmãos ou vizinhos. Consequentemente, as famílias refugiadas que ficaram separadas das suas redes sociais devido ao conflito podem enfrentar desafios acrescidos no cuidado aos menores.

Educação

Conforme foi mencionado acima, a educação na Síria é gratuita. Depois de 2000, quando o presidente Bashar-al-Assad chegou ao poder, foram privatizadas algumas escolas e algumas focam-se em grupos religiosos, nomeadamente os franciscanos ou cristãos arménios.

A educação divide-se em 3 ciclos: o primário (6-12, que costuma ser misto); o médio (13-15, tipicamente turmas divididas por género em zonas com mais recursos) e o secundário (16-18, também tipicamente turmas divididas por género em zonas com mais recursos). Até 2000, a escolaridade obrigatória era até ao 6º ano, tendo aumentado de seguida para o 9º ano. Consequentemente, pode haver diferenças geracionais: as pessoas por volta dos 40 ou mais velhas podem ter frequentado menos anos de escola do que as gerações mais novas.

Não obstante, alguns sírios reportam não ter recebido de todo ou terem recebido muito pouca educação formal. Assim, muito embora 92% dos homens e 81% das mulheres sejam literados¹³, deve ser tida em consideração os desafios adicionais em aprender uma nova língua, especialmente por parte de pessoas iletradas.

Relativamente à segregação de rapazes e raparigas mencionada *supra*, deve reter-se também que se tal é frequente em zonas com mais recursos. Consequentemente, algumas raparigas podem ter obstáculos acrescidos na sua frequência na escola se as suas famílias não se sentirem confortáveis com o facto de elas terem que dividir uma turma com rapazes.

Os uniformes são obrigatórios nas escolas, contudo, desde que o conflito teve início, tem sido mais prioritário manter as crianças na escola do que dar muita importância a este assunto.

Desde 2000, que a língua inglesa é ensinada nas escolas primárias, enquanto que antes o inglês era apenas introduzido no ensino médio, podendo por isso haver uma diferença geracional no conforto com esta língua

¹² Centro de Recursos de Orientação cultural, Refugiados Sírios, 2014, pg. 3, <http://philarefugeehealth.org/wp-content/uploads/2014/03/Refugees+from+Syria.pdf>

¹³ CIA World Factbook, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>

e, por outro lado, a qualidade e a frequência destas aulas pode ser limitada quando comparado com a Europa.

O francês e o russo são também línguas ensinadas em algumas escolas, pelo que podemos então encontrar sírios que falem 2, 3 ou 4 línguas, especialmente se tiverem afiliações culturais com grupos que falam línguas locais (exemplos de línguas locais: curdo, aramaico, circassiano, arménio¹⁴).

As aulas de religião são obrigatórias na Síria, com base na religião de cada um, ou seja, se uma pessoa é muçulmana, espera-se que vá às aulas sobre o islão e espera-se que um cristão vá às aulas sobre o cristianismo (quando existam). Não é, contudo, comum que um estudante tenha que frequentar uma aula de religião que não seja a sua.

Muito embora o nível de prioridade dado à educação varie de família para família, existem tendências geográficas: é comum que as crianças de comunidades rurais abandonem a escola antes para ajudar as famílias, enquanto que nas cidades é mais frequente dar prioridade às universidades.

No que diz respeito à frequência de cursos universitários por mulheres: depende de cada família. Algumas podem não se sentir confortáveis com o facto de as suas filhas irem para dormitórios para poderem ir à universidade, o que pode já não se colocar se a universidade for próxima, permitindo que a rapariga durma em casa. Ao invés, outras famílias podem não ter qualquer problema com isto.

Aprendizagem de línguas estrangeiras

É importante saber que as línguas estrangeiras são muitas vezes ensinadas com recurso a técnicas de memorização e em árabe. Consequentemente, a forma de ensinar línguas estrangeiras em Portugal pode intimidar alguns refugiados sírios, diminuindo assim a sua participação nas aulas. Dar aulas práticas que dão prioridade a frases importantes que as famílias gostariam de aprender para utilizar nas suas rotinas diárias e aulas que dão prevalência à utilização da língua em contexto real costumam ser mais populares e garantir uma maior participação.

3.2. Tradições culturais

Apresentar os tópicos chave com recurso a slides às notas do currículo, podendo ser ajustadas às necessidades concretas dos participantes na sessão. Os resultados dos questionários pré-sessão podem influenciar que se gaste mais ou menos tempo em certos tópicos. Deve ser reservado tempo para os participantes fazerem perguntas comentários, de modo a envolverem-se com o material apresentado.

Diversidade cultural

¹⁴ CIA World Factbook, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>

Como a Síria é uma sociedade diversa e multicultural, há uma grande variedade de tradições, comida, vestuário e formas de interação com o outro. Nesta apresentação são discutidas tendências comuns a muitas das afiliações culturais sírias, contudo, não pode ser esquecido que estas tendências não são absolutas e que as preferências e rotinas podem variar de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo.

Gastronomia

A hospitalidade síria é normalmente muito acolhedora e revolve à volta da partilha de comida (semelhante à tendência portuguesa). Quando se visita a casa de alguém, é frequente que seja oferecido o equivalente a uma refeição e não apenas um café e uns bolinhos. É considerado de bom tom comer alguma comida, mas se se comer toda a comida que é colocada no prato, mais comida será oferecida. É possível deixar-se alguma comida no prato de modo a demonstrar que não se consegue comer mais. Quando se vai a um restaurante, não é bem visto dividir a conta. Normalmente as pessoas “discutem” sobre quem vai pagar e muitos homens sírios não ficam à vontade se a conta for paga por uma mulher.

Uma vez que a comida tem um papel central na hospitalidade, partilhar comida pode ser uma boa forma para criar laços de amizade com sírios, quer através de convites para partilhar uma refeição quer através da criação de oportunidades para que estes possam partilhar a sua comida com a comunidade.

As refeições mais comuns podem variar de sítio para sítio, mas em termos gerais a cozinha síria é conhecida pela sua utilização de especiarias. As refeições normalmente envolvem um número considerável de vegetais e frutos, bem como grãos, tais como arroz ou o trigo. São comidos diferentes tipos de carne, mas o porco não é comum. As refeições costumam terminar com chá e fruta.

Para bastantes sírios é importante que as refeições sejam *halal*: são refeições compostas por determinados alimentos ou refeições com ingredientes (por exemplo carne) preparados/manuseados de acordo com as regras do islão. O porco não é considerado *halal* mas o cordeiro, se abatido e preparado de acordo com as regras do islão, já é. À partida toda a comida é *halal*, exceto alguns produtos¹⁵ ¹⁶, por si, ou devido à forma como são preparados.

É legal consumir álcool na Síria, no entanto beber em público é estigmatizado. Nas cidades grandes podem encontrar-se restaurantes e bares que vendem álcool, mas isso é menos comum noutras áreas. Tipicamente, apenas as pessoas menos rígidas nas suas práticas religiosas é que se sentirão à vontade para beber álcool.

¹⁵ Islamic Council of Victory, What is halal? <https://www.icv.org.au/about/about-islam-overview/what-is-halal-a-guide-for-non-muslims/>

¹⁶ Sobre produtos halal em Portugal, ver <http://halal.pt/>

As bebidas comuns incluem o chá, café árabe (bastante espesso) e bebidas à base de iogurte, incluindo o ayran, que é uma bebida de iogurte misturado com água e sal. As bebidas com gás são populares entre crianças e adultos.

Fumar também é comum, especialmente depois de comer, tanto os homens como as mulheres fumam, sendo mais comum os homens fumarem.

Pratos comuns

[Nota para o facilitador: mostrar fotos da comida e perguntar aos participantes se reconhecem alguns dos pratos. Se alguém conhecer, pedir-lhes para descreverem o conteúdo e caso isso não seja possível, cabe ao facilitador descrever. Se possível, fazer os *coffee breaks* com comida síria]

- Baba ghanoush: beringela fumada em puré, misturado com tahine, azeite e temperos e pode ser polvilhado com sementes de romã;
- Tabouleh: salada de salsa ou menta cortada bem fino, com tomate, cebola, trigo, azeite, sumo de limão e temperos;
- Fatayer/manaeesh: Pão árabe recheado com carne picada, espinafres ou queijo;
- Fatoush: salada de vegetais, tomate, cebola com pão árabe frito ou tostado;
- Baklahva: massa filo recheada com frutos secos triturados, cobertos com mel e água de rosas;
- Halaweh al-jibn: massa de semolina recheada com queijo ou creme doce e coberta xarope;
- Bouza: gelado batido à mão, normalmente coberto com nozes;
- Qatayef: normalmente servido durante o Ramadão, estes bolinhos são recheados com creme doce ou frutos secos, são fritos e embrulhados em xarope.

É importante ter em consideração que a taxa de diabetes na Síria é de cerca de 11%, o que é superior à taxa mundial, que se situa em 9%¹⁷ mas não é superior à taxa portuguesa: 11,7% em 2015¹⁸.

Feriados e celebrações

Nem todos os feriados e celebrações oficiais na Síria são muçulmanos, o que reforça a natureza pluralista do país.

[Perguntar aos participantes se conhecem algum dos feriados e celebrações sírios e perguntar se sabem as diferenças entre os dois Eids e por que motivo não têm data fixa]

¹⁷ OMS, 21 de Março de 2016: <http://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/who-helps-diabetes-patients-in-syria>

¹⁸ Sociedade Portuguesa de Diabetologia, Observatório Nacional da Diabetes, <http://www.spd.pt/images/bolsas/dfn2015.pdf>.

- Eid al-Fitr: calha no fim do Ramadão. São dados 3 dias para esta celebração. Uma vez que este feriado segue o calendário islâmico (que é lunar), as celebrações ocorrem sempre em momentos diferentes a cada ano. É normal celebrar-se o Eid-al-Fitr com visitas à família, amigos e vizinhos, levando doces;
- Eid al-Adha: tem lugar aproximadamente dois meses depois do Eid al-Fitr e coincide com o fim da peregrinação (Hajj) e comemora o sacrifício de Abraão (que estava disponível para matar o seu filho Isaac). Algumas pessoas sacrificam um animal e/ou oferecem carne como forma de celebrar;
- Dia da Independência: tem lugar no dia 17 de Abril e celebra a independência Síria da França, em 1946. É mais uma data comemorativa do Governo do que uma celebração popular;
- Páscoa: Há duas Páscoas oficiais na Síria: a Páscoa Ocidental Cristã – conforme é celebrada em Portugal; e a Páscoa Oriental Ortodoxa – que ocorre cerca de uma semana depois. Embora não seja uma celebração de ampla participação, em algumas áreas, nomeadamente cidades grandes, estas festividades são celebradas quer por cristãos quer por muçulmanos ou por pessoas de outras religiões. Este tipo de celebrações nas cidades pode incluir ir a um bom restaurante com entretenimento;
- Natal: tal como a Páscoa, o Natal também é celebrado por alguns Muçulmanos com amigos cristãos. Contudo outros, com práticas religiosas mais fortes, podem não se sentir confortáveis a celebrar o Natal;
- Ano Novo: Os dias 1 e 2 de Janeiro são feriados oficiais, e algumas pessoas, especialmente nas cidades, celebram o Ano Novo com festas a marcar a meia noite. No entanto, para outras pessoas este não é um feriado importante, pelo que estes dias serão aproveitados para passar tempo com a família. Algumas pessoas tiram a semana anterior ou posterior para viajar com a família;
- Mouloud: Celebra o nascimento do profeta Maomé e é celebrado no terceiro mês do calendário islâmico;
- Dia da mãe: 21 de Março. Normalmente as mães cozinham para as suas famílias, que vêm de visita e trazem comida e presentes. O ano novo curdo (*Newroz*) também calha nesta data, embora não seja um feriado oficial na Síria.
- Dia de S. Valentim: Muito embora não seja um feriado oficial, é bastante popular celebrar este dia em algumas partes da Síria, no qual as pessoas trocam corações vermelhos e ursos de peluche.
- Aniversários: algumas famílias celebram aniversários e outras não. Não é incomum não saber o dia do aniversário, é comum esperar para registar uma criança e por vezes espera-se para registar várias ao mesmo tempo.

Árabe

[Os slides sobre árabe podem ter expressões ou ficheiros áudio em árabe, nomeadamente com palavras semelhantes, de raiz comum, ou com expressões úteis, como olá, bom dia, obrigada, etc.]

Pode ser importante conhecer algumas frases de árabe para as primeiras interações com os refugiados sírios. Para quem tiver interesse em saber mais sobre esta língua pode consultar o dicionário do Alto Comissariado para as Migrações que está integrado no kit de boas vindas para os refugiados: <https://www.acm.gov.pt/kitrefugiados> ou consultar o seguinte recurso, em inglês, da BBC <http://www.bbc.co.uk/languages/other/arabic/guide/phrases.shtml>, que permite carregar num botão e ouvir a pronúncia de uma frase.

A OIM disponibiliza uma app designada “*MigApp*” que tem uma secção chamada “*Doctor Translate*” que pode auxiliar os profissionais de saúde a comunicar com os refugiados sírios.

Existe ainda o Serviço de Tradução Telefónica do ACM, disponível através do número 808 257 257 (para ligação de números fixos) e o número 218 106 191 (para ligação através de números móveis). As chamadas têm o custo de uma chamada local. Este serviço pode ser utilizado para marcar traduções por telefone ou, em casos de urgência, e se houver tradutores disponíveis, para traduções imediatas.

Comunicação

Na comunicação síria, é de bom tom rejeitar uma oferta nas primeiras vezes que esta é feita e depois aceitar. Assim, é comum que as pessoas esperem que lhes ofereçam algo várias vezes antes de indicarem a sua vontade e é comum que a pessoa que oferece o continue a fazer várias vezes.

Se alguém pede ajuda, por vezes esperam uma resposta definitiva. Frases como “Vou tentar” ou “Vou ver se podemos” não são vistas como indicando limites à capacidade de resposta ou das possibilidades existentes. Ao invés, este tipo de frases podem ser vistas como respostas evasivas, dadas por alguém que não quer ajudar.

As mulheres normalmente falam mais baixo que os homens.

Quando falam com funcionários públicos, alguns sírios são muito diretos, nomeadamente quando se trata de fazer vingar os seus direitos. Isto é, em parte, fruto da corrupção na Síria, pelo que várias pessoas não vão confiar automaticamente nas respostas que lhes são dadas pois desconfiam da sua veracidade e transparência. Por outro lado, pode ser uma técnica de sobrevivência dos humanos (não apenas sírios), pedir ajuda ao maior número de pessoas em momentos de necessidade. Uma pessoa pode pedir ajuda a 100 pessoas e receber 99 respostas negativas, mas o que importa é que recebeu uma positiva.

Consequentemente, muitos refugiados sírios podem apostar nesta técnica de sobrevivência e pedir ajuda a várias pessoas até terem a resposta que acham que precisam. É, portanto, fundamental para a gestão de expectativas e para fortalecer a confiança nos funcionários públicos que toda a gente, incluindo voluntários, coordene a forma de responder a necessidades. A forma mais fácil é dirigir os refugiados para o ponto focal sobre aquela matéria, dizendo que esta pessoa é a que mais domina a área. Pode ser muito tentador fazer

promessas ou ofertas paralelas para ajudar mas isto pode criar mais danos, ao elevar expectativas ou criar confissão, especialmente se uma pessoa não conhecer todos os pormenores da situação.

Quando se buscam intérpretes, é importante saber em que língua é que a pessoa se sente mais à vontade, especialmente para discutir assuntos sensíveis. A maior parte sentir-se-á confortável em árabe, mas algumas pessoas pode ter outro tipo de necessidades linguísticas. Para os que falam árabe, os intérpretes que dominam o dialeto Levantino (da Síria, Jordânia e Líbano) são os mais indicados.

Vestuário

[utilizar fotografias exemplificativas de peças de vestuário]

Tal como noutros locais, a pessoa decide o que vestir com base nas suas crenças, valores, conforto e com base no que a rodeia. Portanto, é possível ver a na Síria diferentes formas de vestir, consoante o lugar, consoante o grupo cultural ou consoante a pessoa.

Algumas mulheres utilizarão um *jelbab* ou um manto, que é uma espécie de vestido comprido colorido ou de casaco que cobre os braços até aos pulsos e as pernas até aos tornozelos. O *jelbab* é frequentemente utilizado com uma *hijab* (lenço muçulmano para a cabeça), que também pode ter várias cores e padrões. Este tipo de vestido é bastante comum em comunidades rurais e/ou conservadoras.

Outras mulheres usam o *jijab* em conjugação com um top mais modelado, saias ou calças e outras usam roupas mais típica da utilizada no Ocidente. É importante sublinhar que nem todas as mulheres muçulmanas usam *hijab* e que nem todas que usam são rigorosas na prática da religião. Aquelas que escolhem utilizar *hijab*, podem começar a fazê-lo por volta dos 13, sendo que algumas optam por fazê-lo mais cedo e outras mais tarde.

Além disso, algumas mulheres podem utilizar outro tipo de lenço que lhes cobre o cabelo e que pode ser utilizado quer por mulheres muçulmanas, quer por mulheres cristãs. Algumas mulheres mais velhas de várias culturas e religiões podem também ter tatuagens na cara, que é uma prática de beleza tradicional.

Em cidades mais antigas, como Aleppo e Damasco, algumas mulheres usam *melaya*, que é um vestido preto comprido que cobre todo o corpo, podendo mostrar o rosto. Este vestido tornou-se popular durante o Império Otomano e pode ser utilizado por mulheres católicas e muçulmanas. A *melaya* difere do *niqab*, que cobre o corpo todo, incluindo a cara, mas é mais comum na península árabe.

Embora seja tentador utilizar aquilo que vemos como indícios da personalidade de alguém ou das suas preferências, é importante não fazer assunções baseadas na roupa que alguém veste.

As roupas tradicionais dos homens incluem a *jalabiya* (também denominado por *abaya*) em algumas partes da Síria e que é uma espécie de túnica comprida e larga, que cobre os braços, até aos pulsos e as pernas, até

aos tornozelos. As cores da *jalabiya* podem variar consoante a estação: o branco é mais comum no verão e o castanho no inverno. Nos dias de hoje, a *jalabiya* é comumente utilizada por homens mais velhos na província, sendo que os mais jovens e em zonas urbanas optam por um estilo mais ocidental. Em todo o caso, alguns homens optam por utilizar a *jalabiya* nas orações de sexta-feira.

Arte Síria

Há uma variedade de danças folclóricas e tradicionais na Síria que são típicas em celebrações, festas e casamentos. Os homens e as mulheres dançam em grupos separados ou juntos, dependendo do conforto e das preferências do grupo envolvido.

A Síria também tem uma grande história de poetas influentes, tais como Nizar Qabbani, que influenciaram a literatura árabe moderna. Os sírios também são conhecidos pelo seu artesanato, nomeadamente mosaicos de madeira.

As telenovelas sírias, antes do início do conflito eram também bastante apreciadas no mundo árabe.

Cantar é um passatempo muito frequente e há vários cantores sírios que utilizam influências tradicionais e do pop. [passa parte de um clipe de música tradicional e um clipe de música moderna]

Costumes

A interação entre homens e mulheres irá depender da comunidade cultural de cada um, das suas crenças religiosas e do local onde cresceram. Dependendo do enquadramento religioso, algumas pessoas podem não se sentir à vontade para olhar alguém de outro sexo nos olhos, enquanto que outras pessoas já se sentem à vontade. Regra geral, é considerado como de mau tom que os jovens olhem diretamente nos olhos dos mais velhos.

[Perguntar aos participantes que tipo de cumprimentos, caso os participantes já tenham estado envolvidos no acolhimento de refugiados sírios, testemunharam. Pode ser dado o exemplo de colocar a mão no coração como forma alternativa de cumprimento.]

Alguns homens e mulheres podem ou não sentir-se à vontade com beijos ou apertos de mão com alguém do outro género. Isto não é visto como uma ofensa. Quando confrontados com uma situação concreta em que se deve cumprimentar alguém, pode aguardar-se que a outra pessoa tome o primeiro passo para determinar a melhor forma de os cumprimentar. Contudo, se uma pessoa estender a mão e a outra cobrir o coração isto não deve ser entendido como um insulto, mas sim como a forma de transmitir a sua forma preferida de cumprimentar.

O abraço entre pessoas de sexos opostos também depende de cada um, havendo pessoas que se sentem confortáveis com isso e outras consideram que isso só é apropriado quando há uma diferença de idades: a mulher mais velha e o homem mais novo ou vice-versa.

Algumas festas ou celebrações como casamentos podem separar os homens das mulheres, mas nem sempre é o caso.

3.3. Vida familiar

Apresentar os tópicos chave com recurso a slides às notas do currículo, podendo ser ajustadas às necessidades concretas dos participantes na sessão. Os resultados dos questionários pré-sessão podem influenciar que se gaste mais ou menos tempo em certos tópicos. Deve ser reservado tempo para os participantes fazerem perguntas comentários, de modo a envolverem-se com o material apresentado.

Estrutura familiar

A família nuclear na Síria é normalmente entendida como sendo composta por um homem e uma mulher casados, com ou sem filhos. Há, contudo, alguns aspetos sobre a estrutura familiar na Síria que devem ser abordados.

Em primeiro lugar, é possível encontrar pais/mães sozinhos, quer porque o/a esposo/a faleceu ou porque se divorciaram. O divórcio é legal, mas ainda acarreta algum estigma social, especialmente quando pedido pela mulher.

Também é possível ter até 4 mulheres, no entanto isso é muito pouco comum na Síria, quando comparado com outros países predominantemente muçulmanos. Um homem sírio poderá ter uma segunda mulher quando é particularmente rico, quando a sua primeira mulher não consegue ter filhos ou, caso o seu irmão faleça, poderá casar com a cunhada para a sustentar a si e a eventuais filhos que esta possa ter. Terceiras e quartas esposas são muito raras na Síria.

A ideia de uma família nuclear é portanto entre um homem e uma mulher. A homossexualidade é um tabu e é ilegal na Síria, podendo ser punida com até 3 anos de pena de prisão¹⁹. Consequentemente, algumas famílias sírias podem passar por um certo choque cultural quando se confrontarem com os direitos e atitude geral em relação à comunidade LGBT. Não obstante, há que reconhecer que vários membros desta comunidade e que são sírios, podem sentir-se particularmente isolados e/ou requerer apoio extra.

Os casamentos arranjados e entre primos ainda são relativamente comuns. As mulheres podem casar a partir dos 17 e os homens a partir dos 18, exceto se houver emancipação. Em 2017, cerca de 13% das

¹⁹ Reid, Graeme "A dupla ameaça para os homossexuais na Síria, 28 de Abril, 2014, <https://www.hrw.org/news/2014/04/28/double-threat-gay-men-syria>

mulheres entre os 20 e os 24 tinham casado antes dos 18 anos²⁰. As relações sexuais fora do casamento, em geral, não são aceitáveis.

No que diz respeito a namoro, em algumas zonas, se um rapaz e uma rapariga estão interessados um no outro podem falar com as mães, que irão organizar uma reunião entre as famílias e caso estas concordem em casar os filhos, estes podem sair e ser vistos em público. Outras famílias podem não ver problemas no facto de os seus filhos namorarem sem casar, o mais importante é que não exista um elemento sexual conhecido da relação.

Em algumas áreas, os homens podem seguir pela rua uma rapariga pela qual têm interesse, de modo a tentarem meter conversa e em algumas zonas isso não é considerado como assédio, pelo que se caso isso acontecer, é importante explicar que esse comportamento em Portugal pode ser mal visto.

Papéis na família

As mulheres são geralmente responsáveis pelo trabalho doméstico, independentemente de trabalharem fora ou não. Em algumas áreas pode ser mais comum que as mulheres não trabalhem fora de casa, enquanto que noutras isso dependerá daquilo que for mais vantajoso para a família ou para os objetivos profissionais da mulher.

Os pais são vistos como o decisor da família, no entanto é mais correto considera-los como os “porta-vozes”. É possível que as decisões sejam debatidas em casa e em algumas famílias as mulheres têm confiança para representar a família. Noutras circunstâncias, contudo, pode acontecer que uma mulher que não tenha tido muito envolvimento na tomada de decisões da família e que de repente tem que assumir essa responsabilidade, se possa sentir sobrecarregada com essa responsabilidade.

Normalmente as filhas ajudam as mães com as tarefas domésticas. No entanto, todos os irmãos mais velhos tomam conta dos mais novos. Neste sentido, há que considerar que pode haver uma expectativa dos refugiados sírios no sentido de ter os seus filhos cuidados pela comunidade, não estando os pais sempre atentos, dando-lhes liberdade para brincar, esperando que a comunidade cuide das crianças. Nesse sentido, pode ser importante falar com as famílias sobre a atitude portuguesa em relação a esta matéria e sobre aquilo que nesta sociedade se espera dos pais, bem como sobre os riscos associados.

Vida familiar

Quando os pais já têm uma certa idade, costumam ir viver com os filhos, normalmente o filho mais velho, pelo que é comum que várias gerações habitem a mesma casa.

A disciplina física pode ser bastante comum, quer no que diz respeito aos pais disciplinarem os filhos, quer no que diz respeito ao marido “disciplinar” a sua mulher. Existem leis contra agressões físicas na Síria, mas

²⁰ UNICEF, 2018, <https://data.unicef.org/topic/child-protection/child-marriage/>

não especificamente sobre violência doméstica²¹, e consequentemente, não existe um mecanismo jurídico robusto para lidar com este assunto.

Muito embora a violência doméstica seja um tema que começa logo a ser debatido na orientação pré-partida e depois na orientação à chegada, esta pode ser uma prática bastante enraizada. Neste âmbito, há que reter que no processo de tentar compreender que esta prática não é aceitável em Portugal, os pais podem achar que não vão saber como orientar o desenvolvimento dos seus filhos para a vida adulta. Portanto, pode ser necessário discutir esta temática, bem como apresentar métodos alternativos para disciplinar os filhos.

As deficiências, físicas ou mentais, ainda são um estigma nas comunidades sírias. Ter um membro da família com uma deficiência, pode, por exemplo, afetar as possibilidades de casamento de uma pessoa. Portanto, muitas vezes os membros da família com deficiências são mantidos em zonas mais privadas e em casa. Alguns pais podem nem sequer esperar que os filhos possam ir à escola, pois podem nem sequer existir serviços de apoio na Síria que facilitem a sua educação. Assim, é importante procurar as famílias que estão nesta situação e informá-las sobre as opções disponíveis para uma maior participação na vida social e no acesso aos direitos pelas pessoas com deficiências, especialmente porque algumas famílias podem nem sequer saber desta possibilidade.

Por fim, não é muito comum ter animais de estimação na Síria. Consequentemente algumas pessoas têm medo de cães, já que os que costumam encontrar normalmente são perigosos, pois são vadios. Assim, poderá acontecer situações em que um sírio não se sinta muito confortável perto de animais de estimação.

3.4. Infraestruturas sociais

Apresentar os tópicos chave com recurso a slides às notas do currículo, podendo ser ajustadas às necessidades concretas dos participantes na sessão. Os resultados dos questionários pré-sessão podem influenciar que se gaste mais ou menos tempo em certos tópicos. Deve ser reservado tempo para os participantes fazerem perguntas comentários, de modo a envolverem-se com o material apresentado.

Alojamento

Algumas famílias estão habituadas a casas térreas e podem ficar surpreendidas quando a casa tiver escadas, o que as preocupa especialmente por causa de crianças pequenas.

É de bom tom, quando se visita alguém, tirar os sapatos, especialmente se a família é muçulmana e reza em casa, o que normalmente acontece no chão.

²¹UNICEF, Síria: Perfil de Igualdade de Género do Médio Oriente e Norte de África <https://www.unicef.org/gender/files/Syria-Gender-Equality-Profile-2011.pdf>

Algumas famílias podem não se sentir à vontade com visitas de um homem se homem da casa não estiver presente. Outras famílias podem não ter qualquer problema com isto, no entanto é importante ter isso em consideração quando se organizam visitas até se conhecer melhor as preferências da família.

Emprego

A procura do trabalho na Síria é normalmente feita através de redes familiares e não tanto através de um processo formal que envolve entrevistas e candidaturas, mais comum dos países ocidentais. Consequentemente, os refugiados sírios podem não estar familiarizados com algumas das expectativas dos seus potenciais empregadores. Assim, é importante trabalhar este aspeto com os refugiados, fornecendo informação clara sobre o processo de candidatura e sobre o que é esperado num trabalho (horários, férias, períodos de descanso, horas extraordinárias, etc.), incluindo competências pessoais.

No que diz respeito a expectativas que alguns sírios possam ter em relação ao local de trabalho, várias estão habituadas a receber semanalmente e consequentemente precisarão de algum tempo e apoio para se adaptar a pagamentos mensais. O pagamento de impostos também não é comum, isto porque as receitas públicas têm outras proveniências. Assim, a ideia de pagar impostos vai ser nova e vai afetar os orçamentos das famílias, bem como as suas atitudes em relação aos serviços.

Durante a jornada de trabalho é frequente para os sírios fazer várias pausas, seja para rezar ou tomar café. Contudo, a ter direito a férias será um novo conceito, particularmente em comunidades rurais.

A tomada de decisões no local de trabalho costuma ser hierarquizada, pelo que pode ser novo para algumas pessoas serem consultadas pelos chefes no processo de tomadas de decisões.

O reconhecimento de qualificações pode ser um desafio para vários sírios. Assim, pessoas com mais qualificações podem ter mais dificuldade em voltar a exercer as suas profissões. Consequentemente, pode ser importante definir, o mais cedo possível, um plano com cada pessoa, relativamente ao reconhecimento de qualificações e competências. Este aspeto é particularmente importante na gestão de expectativas, nomeadamente no que diz respeito à duração do procedimento e à necessidade de ter um emprego alternativo durante o tempo de espera.

Apoio social

Os serviços sociais no modelo ao qual os portugueses estão habituados não existe na Síria. Ao invés, o apoio social costuma ser providenciado pela família alargada ou pelas redes comunitárias.

No entanto, os refugiados viram essas redes destruídas e, portanto, esperam que o Estado lhes preste esse apoio, pois assumem os serviços sociais como uma substituição do apoio da família, pelo que, devido à sua inexperiência em lidar com este tipo de serviços, podem ter expectativas muito elevadas de apoio. Se uma pessoa pede apoio à sua família ou amigos, em princípio está confortável em pedir um pouco de tudo. Por

isso, se/quando, os profissionais que prestam apoio social aos refugiados receberem pedidos que fogem ao habitual, isso pode derivar em parte deste esquema mental. Pode demorar um pouco a que as pessoas se ajustem e compreendam os limites e as diferenças entre as redes formais de apoio e redes sociais.

Forças de segurança

Devido à corrupção na Síria, mesmo antes do conflito a polícia não era vista como uma instituição que pudesse fornecer ajuda ou proteção. O conflito ajudou a exacerbar ainda mais esta percepção porque as forças de segurança foram acusadas de ter estado envolvidas em desaparecimentos. Consequentemente é possível vários refugiados sírios não confiarem na polícia e, portanto, é importante ter estratégias pensadas para explicar o papel da polícia na comunidade, sem que essa forma seja intimidante para os refugiados. Podem promover-se encontros entre os refugiados e a polícia num local neutro com pessoas da instituição de acolhimento por exemplo, de modo a que seja explicado o papel da polícia.

Relativamente à utilização de uniforme, é importante reter que, enquanto que a sua não utilização pode ser considerada em algumas partes do mundo como mais apelativa (incluindo em algumas partes da Síria), a sua não utilização também pode criar a percepção da existência de uma polícia secreta. Assim, pelo menos nas primeiras interações, a utilização de uniforme pode ser recomendável.

3.5. Vídeos

[Partilhar alguns vídeos com cenas urbanas e rurais da Síria. Depois de os participantes os terem visto, perguntar-lhes o que retiveram. O facilitador deve tentar abordar todos os comentários, dando mais explicações sobre comportamentos comuns na Síria e/ou expectativas dos sírios em Portugal]

Os pontos que normalmente se destacam são os seguintes:

- A diversidade da roupa e/ou das pessoas?
- O nível de demonstração de afetos em público, incluindo duas mulheres a darem as mãos (o que é comum em amizades entre pessoas do mesmo género)
- O caos nas estradas
- O número de táxis (explicar que os táxis são relativamente baratos na Síria e portanto vários sírios podem não estar habituados a caminhar distâncias que para os padrões portugueses podem ser consideráveis razoáveis e consequentemente isso pode afetar as suas impressões sobre o local onde são alojados.

3.6. Debate “Bola de neve”

O presente exercício visa auxiliar os participantes a relacionarem a informação que receberam sobre a vida na Síria com as dimensões culturais debatidas na unidade 2. Ao utilizar as dimensões culturais para refletir sobre a informação recebida sobre a Síria, os participantes estão a ser encorajados a aprofundar o seu

conhecimento das facetas “invisíveis” dos grupos culturais com os quais trabalho e como é que esse entendimento pode facilitar o seu trabalho.

Para começar, pedir aos participantes para escolher um parceiro de outra mesa do que aquela onde se encontra. Assim que os participantes estiverem todos aos pares, pedir-lhes para discutirem o seguinte durante 5 a 10 minutos: Tendo em conta a informação partilhada sobre a Síria e as vossas características culturais, conforme foram exploradas na Unidade 2, identifiquem potenciais diferenças nas dimensões culturais entre as comunidades sírias e portuguesas. Que mal-entendidos conseguem antecipar ou que já experienciaram com base nestas diferenças?

Os participantes devem ser encorajados a refletir sobre as facetas da própria cultura, nomeadamente as que foram expressadas através das expressões idiomáticas analisadas na discussão de grupo. Há diferenças quando comparado com o que aprenderam sobre os grupos culturais sírio? Se for necessário, deve clarificar-se que devido a limitações de tempo pode não ser possível discutir todas as dimensões culturais. Podem focar-se nas dimensões que parecem mais relevantes para o seu trabalho ou para a interação com refugiados sírios.

Assim que os pares tiverem discutido a primeira questão, pedir-lhes para se juntarem com outro par e, em 10 minutos, debater o seguinte: “Considerando o modelo de competência intercultural e as vossas próprias pressuposições culturais exploradas na Unidade 2, como acham que as informações sobre as dimensões culturais das comunidades sírias podem apoiar ou até alterar a forma como respondem a desafios antecipados ou que já encontraram no passado?”

Depois de ter sido dado tempo aos grupos para discutir esta segunda questão, juntar toda a gente e partilhar em grupo algumas das suas discussões e/ou experiências. Devido ao tempo limitado para este exercício, pode não ser possível que todos os grupos partilhem as suas discussões, portanto podem ser pedidos voluntários para participar algo que considerem particularmente interessante. Pode também encorajar-se os participantes a continuar o debate no intervalo.

A discussão deve ser encerrada mencionando que nem todas as dimensões culturais se vão refletir necessariamente na informação transmitida durante a sessão mas que ao se praticar sobre como estas podem ser utilizadas na reflexão sobre potenciais fontes de mal entendidos, estas podem ser utilizadas no futuro para orientar interações com grupos culturais provenientes da Síria.

Unidade 4 - Experiência dos refugiados sírios antes da chegada

Objetivos

Esta unidade visa mostrar quantos sírios foram afetados pelo conflito, experiências comuns dos refugiados antes da reinstalação e experiências através do próprio processo de reinstalação. Deve ser dada particular ênfase às tendências que possam indicar o tipo de vulnerabilidades e desafios que muitos sírios podem

encontrar como resultado destas experiências. Os resultados da aprendizagem para esta unidade são os seguintes:

- Compreender algumas das causas da deslocação
- Compreender as condições que os refugiados podem ter enfrentado e o impacto nas suas vulnerabilidades/necessidades
- Compreender a importância e a natureza da reinstalação
- Compreender o processo pré-partida para melhor desenhar o apoio pós-chegada e fortalecer a integração

Duração

- 4.1. 20 minutos de apresentação sobre as condições na região
- 4.2. 15 minutos para atividade com imagens e vídeos e situação na região e uma breve discussão
- 4.3. 20 minutos de apresentação sobre serviços pré-partida

Material

- Quadro branco
- Apagador
- Marcadores
- *Datashow*
- Computador
- Colunas de som
- Internet
- Apresentação *powerpoint*
- Vídeos
- Canetas
- Papel

Metodologia

Participativa, com recurso a *powerpoint* e apresentação de vídeos

Conteúdo

4.1. Apresentação sobre condições na região

Apresentar os tópicos chave com recurso a slides às notas do currículo, podendo ser ajustadas às necessidades concretas dos participantes na sessão. Os resultados dos questionários pré-sessão podem influenciar que se gaste mais ou menos tempo em certos tópicos. As estatísticas apresentadas devem ser atualizadas regularmente pelos facilitadores, de modo a refletir as mudanças na região. Deve ser reservado

tempo para os participantes fazerem perguntas comentários, de modo a envolverem-se com o material apresentado

Condições na Síria

O conflito na Síria teve início em 2011 e desde então estima-se que já tenham morrido mais de 400,000²². 5,6 milhões de sírios fugiram do seu país e registaram-se como refugiados²³, 6,6 estão deslocados internamente e 13.1 milhões de pessoas na Síria precisam de assistência humanitária²⁴. Em certos períodos e em resultado do conflito, estimava-se que cerca de 5 milhões de pessoas na Síria sofreram interrupção no fornecimento de água²⁵ e que em momentos mais críticos do conflito este número aumentava²⁶. A distribuição elétrica também tem sido afetada: em 2015, cerca de 83% de sírios viviam sem acesso regular a eletricidade²⁷. As habitações também foram reduzidas de forma significativa: cerca de 20% das casas foram total ou parcialmente destruídas²⁸.

Tal como em muitos conflitos, as instalações médicas também foram alvo do combate. No fim de 2015, 640 profissionais de saúde tinham morrido e cerca de 58% dos hospitais públicos só estavam parcialmente funcionais ou fecharam completamente²⁹. Também houve uma diminuição significativa de medicamentos, isto porque a maior parte dos medicamentos utilizados na Síria eram produzidos nos arredores de Damasco, Homs e Aleppo, que foram palco de algumas das batalhas mais intensas durante o conflito³⁰. Os programas de vacinação também foram interrompidos, e muitos sírios ficaram por conseguinte mais vulneráveis a doenças³¹.

Em acréscimo, as escolas e o sistema de educação foram muito afetados pelo conflito. Um terço das escolas foram danificadas, destruídas ou passaram a ser utilizadas como abrigo para os deslocados internos ou como base de operações para grupos militares³², e 36% das crianças em idade escolar não estão a ir à escola³³. Em

²² Human Rights Watch, "Syria: Events de 2017" <https://www.hrw.org/pt/world-report/2018/country-chapters/313463>

²³ UNHCR, 28 Junho 2018, <https://data2.unhcr.org/en/situations/syria>

²⁴ UNHCR, <http://www.unhcr.org/syria-emergency.html>

²⁵ UNICEF, 2015, "Graves falhas de água aumentam a miséria de milhões na Síria destruída pela guerra", https://www.unicef.org/media/media_82980.html

²⁶ De acordo com a União das Organizações de Apoio Médico, mais de 5 milhões de pessoas apenas em Damasco ficaram sem água durante um mês, 23 de Janeiro de 2017.

²⁷ Boghani, Priyanka, "In Syria, Darkness Takes on New Meaning after Four Years of War", 11 March 2015, Frontline, <https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/in-syria-darkness-takes-on-new-meaning-after-four-years-of-war/>

²⁸ Banco Mundial, 10 de Julho 2017 "O peso da guerra: As consequências sociais e económicas do conflito na Síria", <http://www.worldbank.org/en/country/syria/publication/the-toll-of-war-the-economic-and-social-consequences-of-the-conflict-in-syria>

²⁹ OMS, "Cinco factos sobre a crise na Síria e o seu impacto na saúde", 12 e Janeiro de 2016, <http://www.who.int/hac/crises/syr/releases/28january2016/en/>

³⁰ OMS, "República Árabe Síria com graves rupturas no stock de medicamentos e produtos farmacêuticos", 8 Agosto 2012, <https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/syrian-arab-republic-experiencing-severe-shortages-medicines-and>

³¹ OMS, "Cinco factos sobre a crise na Síria e o seu impacto na saúde", 12 e Janeiro de 2016, <http://www.who.int/hac/crises/syr/releases/28january2016/en/>

³² UNICEF, Resposta da UNICEF à crise na Síria: 2018, https://www.unicef.org/infobycountry/files/2018-04_-_UNICEF_response_to_the_Syria_Crisis.pdf

³³ No Lost Generation Initiative, "Fizemos uma promessa: Garantir caminhos de aprendizagem e de proteção para as crianças e jovens sírios", Abril 2018, <https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/we-made-promise-ensuring-learning-pathways-and-protection-syrian>

algumas zonas do país, como Idlib, as escolas sofrem uma pressão adicional para acomodar crianças deslocadas, o que obriga a dois turnos de aulas para responder ao aumento no número de alunos³⁴.

O aumento do desemprego e da pobreza também foram uma consequência muito grave do conflito. No fim de 2014, o desemprego aumentou para 57.7% com cerca de 4 em 5 Sírios a viver abaixo da linha da pobreza³⁵. Em acréscimo, a todos estes fatores de stresse, algumas pessoas podem ter experienciado bombardeamentos, ataques químicos, perda de entes queridos e violência sexual.

[Nota para os facilitadores: depois de cobertos os tópicos mencionados supra, mostrar slides que comparam a Síria antes e depois do conflito, para mostrar as mudanças]

Concentração de movimentos de refugiados

Nos últimos anos, quando se ouve falar em refugiados sírios nos meios de comunicação social ocidentais pode ficar-se com a impressão que estes estão a vir em grandes números para a Europa. Posto isto, é necessário tomar nota que na verdade, a maior parte dos sírios se localizam nos países vizinhos da Síria, conforme o mapa infra, publicado no jornal o Público em 2017³⁶:

³⁴ Their World, "Educação na Síria: lutar contra os ataques às escolas, professores perdidos e insuficiência de livros", 10 de Agosto de 2017, <https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/education-syria-battling-against-school-attacks-lost-teachers-and-book>

³⁵ Al Jazeera, "Agências de assistência humanitária arrasam com o Conselho de Segurança da ONU por causa da Síria, 12 de Março de 2015, <https://www.aljazeera.com/news/middleeast/2015/03/war-plunged-syrians-poverty-150312022852894.html>

³⁶ <https://www.publico.pt/2017/03/30/mundo/noticia/ha-ja-mais-de-cinco-milhoes-de-refugiados-sirios-1767141>

- Jordânia: 666,596
- Iraque: 250,708
- Egípto: 129,507
- Outros (Norte de África): 33,545

No que diz respeito às condições que os refugiados podem encontrar nestas áreas, estas variam.

Cada país é afetado de forma diferente pelos refugiados que recebe. Isto pode depender do número de refugiados, da capacidade das infraestruturas locais em acomodar refugiados, da economia bem como da opinião pública. O Líbano, por exemplo, viu um aumento de quase 25% da sua população total em resultado do número de refugiados sírios que recebeu³⁸, o que coloca pressão nas infraestruturas e nas atitudes do público. Consequentemente, a maneira como cada país responde à crise dos refugiados pode variar, particularmente em termos dos direitos que lhes podem ser concedidos. Assim, o acesso ao emprego, educação e saúde podem ter um impacto enorme na vida de um refugiado.

Outro aspeto importante a abordar no que diz respeito às condições, há também que refletir sobre o ambiente no qual os refugiados vivem. A maior parte das vezes que pensamos em refugiados, pensamos em campos. No entanto, a realidade é que menos de 10% dos refugiados sírios registados na região vivem em campos³⁹. A grande maioria está dispersa por comunidades urbanas, peri-urbanas e rurais. Se por um lado viver fora dos campos pode permitir uma vida mais anónima, também pode significar mais dificuldades em aceder aos serviços, dependendo da sua disponibilidade.

Um fator adicional a ter em consideração são os recursos que o refugiado tem ao seu dispor. Conseguiu fugir com dinheiro ou não? Tem uma rede social na área para a qual fugiu ou está sozinho? Este tipo de condicionantes tem um impacto enorme na vida diária.

Como consequência destes fatores, as condições que os refugiados encontram podem variar de pessoa para pessoa. Contudo, podemos falar de algumas tendências e desafios comuns com os quais muitos refugiados se deparam na região.

Desafios comuns

O acesso ao emprego legal é um desafio para muitos refugiados sírios. Embora seja possível obter uma autorização para trabalhar enquanto refugiado sírio, em alguns países os custos desta autorização são proibitivos. No Líbano, por exemplo, a autorização de residência deve ser renovada anualmente e custa 200 dólares fazê-lo. Embora em alguns casos esta taxa tenha sido dispensada, esta dispensa não cobre todos os

³⁸ Comissão Europeia, Gestão da crise de refugiados: Apoio da UE ao Líbano, Abril de 2018, <https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/sites/near/files/eu-support-to-lebanon-factsheet.pdf>, acessado a 5 de Julho de 2018

³⁹ ANCUR, <https://data2.unhcr.org/en/situations/syria>, 31 de Maio de 2018.

Sírios⁴⁰. Como muitos não conseguem pagar esta taxa, estima-se que 60% dos sírios adultos no Líbano não têm residência legal, pelo que não podem trabalhar⁴¹. Assim, um pouco por toda a região, há sírios que trabalham ilegalmente ou pedem nas ruas, o que os torna mais vulneráveis a exploração. Em alguns casos, as crianças também acabam por trabalhar para apoiar as suas famílias, o que faz com que não frequentem a escola e as coloquem também em risco de serem exploradas. A pobreza é um grande problema para várias famílias sírias: no Líbano, por exemplo, cerca de 71% vivem abaixo da linha de pobreza⁴².

Em resultado da pobreza, ter um sítio para viver é também um problema para muitas pessoas. Enquanto que alguns podem arrendar alojamento adequado, muitos sírios têm que lidar com sobrelotação, viver em prédios por terminar ou em edifícios transformados em local de acomodação ou oferecer serviços em troca de habitação. Em acréscimo, há problemas no acesso à água e a casas de banho, o que pode originar problemas de saúde. Partilhar recursos pode também aumentar a tensão com comunidades locais, tal como na Jordânia, onde uma seca bastante severa tem perdurado nos últimos anos.

Enquanto que alguns países dão acesso gratuito à educação, ainda há barreiras significativas para muitas crianças sírias irem à escola, quer seja por falta de vagas, quer seja por dificuldades de arranjar transporte, *bullying* ou a necessidade de trabalhar para apoiar a família. Alguns serviços de saúde estão disponíveis de graça, contudo, em alguns países isto não é extensível a tratamentos de doenças crónicas (como por exemplo hemodiálise), e os custos desses cuidados são impossíveis de suportar por muitas famílias. Há relatos de sírios aos quais foi negado o acesso à saúde, quer porque o serviço não conhece as suas responsabilidades para com os refugiados, quer porque houve discriminação.

Mulheres e meninas

É importante reter que as mulheres e meninas são particularmente vulneráveis. A violência sexual pode ser uma das razões pelas quais algumas pessoas fugiram da Síria e para algumas o risco dessa violência persiste nos países vizinhos. Consequentemente, algumas adotaram estratégias para tentar gerir esse risco. Algumas passaram a vestir-se de forma mais conservadora do que antes e outras podem ter começado a optar por ficar mais por casa, sentindo-se apenas confortável na rua se acompanhadas por um membro da família do sexo masculino. Algumas famílias podem até considerar que promover o casamento das suas filhas funcionará como uma forma de proteção, bem como uma fonte de rendimento. Consequentemente, tem havido um aumento de casamentos infantis ou forçados entre as comunidades de refugiados sírios⁴³.

Necessidades específicas

⁴⁰ Human Rights Watch, "Líbano: Nova Política para os refugiados. Um passo em frente, 14 de Fevereiro de 2017", <https://www.hrw.org/news/2016/01/12/lebanon-residency-rules-put-syrians-risk>

⁴¹ Ibid.

⁴² ACNUR, "Refugiados sírios no Líbano vulneráveis e dependents de ajuda", 6 de Janeiro de 2017, <http://www.unhcr.org/news/press/2017/1/586f51a44/syrian-refugees-lebanon-vulnerable-reliant-aid-study-shows.html>

⁴³ UNFPA, "Novo estudo apura que o casamento infantil está a aumentar nas comunidades de refugiados sírios mais vulneráveis, 8 de Fevereiro de 2017, <https://www.un.org/youthenvoy/2017/02/new-study-finds-child-marriage-rising-among-vulnerable-syrian-refugees/>

Um relatório da HelpAge International e da Handicap International apurou que cerca de 30% dos refugiados sírios no médio oriente e norte de África têm pelo menos uma necessidade específica, definida como deficiência, doença crónica ou lesão. Deste número, cerca de um terço têm mais do que uma necessidade específica e os mais velhos são afetados de forma desproporcional, com 77% daqueles acima de 65 com uma necessidade específica. Em acréscimo, aqueles que têm necessidades específicas têm o dobro da probabilidade de demonstrar distúrbios psicológicos⁴⁴. Este relatório indica o número de necessidades complexas entre a população síria refugiada e sublinha a importância da reinstalação como uma opção para responder às necessidades das pessoas com vulnerabilidades específicas.

Condições de vida

[Mostrar fotos de diferentes condições de vida, i.e. deslocados internos, campos, alojamentos informais e condições de vida em contexto urbano. Mostrar o vídeo do campo Zaatari, alojamento no Líbano e vida urbana em Urfa, na Turquia depois das fotografias. Antes de mostrar as fotos e o vídeo, pedir aos participantes que registem o que mais os impressionou.]

Links para os vídeos:

- Programa Alimentar Mundial “Três vidas no campo de refugiados em Zaatari”:
<http://www.wfp.org/videos/three-lives-being-lived-zaatari-refugee-camp>
- TRT World, “Milhares de refugiados sírios no Líbano instruídos a abandonar campos”:
<https://www.youtube.com/watch?v=rymFnTGXOwY> [notas para apresentação: clarificar que estes são alojamentos informais em tendas, que são diferentes dos campos e que, ao contrário dos campos, para os quais o Governo de acolhimento atribui um terreno à UN para montar um campo com condições mínimas, nos alojamentos informais os refugiados constroem as suas estruturas com o que conseguem encontrar e consequentemente as condições não respeitam necessariamente os padrões mínimos e podem ser irregulares. Neste vídeo, é pedido aos refugiados para abandonar o alojamento informal porque situava-se numa localização pouco segura, demasiado perto de voos militares]

[Dar 5 minutos depois de passar os vídeos para partilhar as reações dos participantes. Terminar o debate reforçando que nos vídeos as pessoas falavam de diferentes expectativas em relação ao seu futuro. A família no campo de Zaatari falou em regressar à Síria assim que fosse seguro fazê-lo. Abdulrahman espera poder estabelecer-se na Turquia e continuar os seus estudos. O facilitador deve utilizar este aspeto na discussão sobre soluções duradouras.]

4.2. Reinstalação e pré-partida

⁴⁴ Handicap International e HelpAge International, “As vítimas escondidas da crise síria: refugiados com deficiência, lesionados ou idosos”, 9 de Abril 2014, <https://reliefweb.int/report/syrian-arab-republic/hidden-victims-syrian-crisis-disabled-injured-and-older-refugees>

Definições: Refugiado e reinstalação

Existe uma definição jurídica do termo “refugiado”, que é diferente da forma como o termo é utilizado normalmente em conversas informais. Embora o público em geral entenda que um refugiado é alguém que foi obrigado a fugir por causa da guerra, perseguição ou desastres naturais, a definição jurídica de refugiado estabelecida na Convenção de Genebra de 1951 é alguém que:

“tem um receio fundado de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse receio, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele”⁴⁵

Assim, para se ser considerado como refugiado, deve-se estar fora do seu país de origem ou nacionalidade e não poder regressar devido a medo de ser perseguido em virtude das razões supracitadas. Este aspeto é a razão pela qual os refugiados do programa de reinstalação provêm dos países vizinhos e não diretamente da Síria.

Portugal ratificou a Convenção de Genebra, pelo que define refugiado da mesma forma, indo um pouco mais além. Em Portugal, o estatuto de refugiado é também concedido às pessoas que são *“perseguidas ou gravemente ameaçadas de perseguição, em consequência de atividade exercida no Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana”⁴⁶*.

Por outro lado, há outras situações nas quais o estatuto de refugiado pode não ser concedido mas é concedido o estatuto de proteção subsidiária, atribuído às pessoas que:

“[estão] impedidas ou se sintam impossibilitados de regressar ao país da sua nacionalidade ou da sua residência habitual, quer atendendo à sistemática violação dos direitos humanos que aí se verifique, quer por correrem o risco de sofrer ofensa grave”.

Deste modo, Portugal reconhece que a definição de refugiado da Convenção de Genebra é insuficiente para abarcar todas as situações que, nos dias de hoje, podem ser merecedoras de proteção internacional. Assim, o estatuto jurídico concedido a refugiados e a beneficiários de proteção internacional é muito semelhante.

Quando se fala de deslocação de refugiados, existem 3 “soluções duráveis” reconhecidas. A primeira é o repatriamento voluntário, o que significa que um refugiado volta ao seu país de origem assim que é seguro

⁴⁵ Artigo 1 (a) (2) da Convenção de Genebra de 1951, alterada pelo Protocolo de Nova Iorque de 1967.

⁴⁶ Artigo 3.º n.º 1 Lei n.º 27/2008, de 30 de Junho.

fazê-lo (aquilo que a família no campo de Zaatari discute no vídeo). A segunda é a integração local, que é quando um refugiado se fica no primeiro país de asilo (é aquilo que o Abdulrahman fala no vídeo da Turquia). A terceira opção é a reinstalação, que é quando um país terceiro dá proteção legal e física a um refugiado.

A reinstalação é pensada para os refugiados mais vulneráveis. Quando o ACNUR avalia se reinstalação é a solução adequada para uma situação, considera 7 critérios de vulnerabilidade:

- Necessidades de proteção física e jurídica;
- Sobreviventes de violência e tortura;
- Mulheres em risco;
- Crianças e adolescentes em risco;
- Necessidades médicas;
- Reunificação familiar;
- Falta de alternativas de soluções duráveis (o que significa a impossibilidade de repatriar ou de integrar localmente no país de primeiro asilo)

Uma pessoa reinstalada pode enquadrar-se numa ou mais critérios de vulnerabilidade, não havendo hierarquia entre os critérios.

Em jeito de sumário sobre o processo, assim que uma pessoa atravessa uma fronteira internacional podem registar-se no ACNUR para obtenção de estatuto de refugiado e assistência. O ACNUR avalia posteriormente o caso para determinar se a pessoa se enquadra na definição jurídica e se tem direito ao estatuto. Neste momento, o ACNUR pode começar a avaliar se a reinstalação é uma opção válida. Caso o seja, o ACNUR pode então perguntar à pessoa/família se tem interesse em ser reinstalada. Se disserem sim, o seu processo pode ser referido a um país de reinstalação para consideração, neste caso Portugal, através do SEF, que decide aceitar ou rejeitar o processo, podendo fazê-lo por qualquer razão, incluindo razões de segurança.

Procedimento de pré-partida

Assim que o caso é provisoriamente aceite para reinstalação em Portugal, a OIM é informada para providenciar assistência pré-partida, o que inclui avaliações de saúde, apoio às deslocações e orientação pré-partida. A OIM tem escritórios no Médio Oriente e em África e o procedimento começa com uma sessão de informação prévia, na qual os médicos explicam o que vai ser incluído nos exames, que incluem diagnósticos radiológicos e laboratoriais, nomeadamente despiste da tuberculose.

Como muitos refugiados fugiram sem os seus registos médicos, os médicos da OIM também se sentam com as pessoas para registar o seu historial médico. Os sinais vitais são medidos e as vacinas são postas em dia. A OIM também faz um exame físico a cada indivíduo, para garantir que é seguro viajar. Caso seja detetada

alguma doença que torne a viagem insegura, é necessário tratar a doença antes de viajar. Por exemplo, se alguém tiver uma doença transmissível, esta tem que ser tratada antes da viagem. Os médicos também assinalam preocupações de saúde para acompanhamento posterior em Portugal. A OIM recolhe dados clínicos e partilha-os com a Direção-Geral de Saúde, conforme estabelecido num protocolo.

No que diz respeito aos serviços de apoio ao movimento, a OIM presta apoio na obtenção de vistos e documentos de viagem. A OIM assegura que os refugiados têm os seus documentos mais importantes num saco da OIM durante toda a viagem, organiza as viagens e a acomodação em trânsitos longos. Em certos casos a OIM pode inclusive ter acordos com as transportadoras aéreas para permitir aos refugiados levar mais bagagem do que o habitual para outros passageiros. Nesse sentido, pode ser importante coordenar as chegadas com a OIM para garantir que há transporte com espaço suficiente para transportar as bagagens até ao destino final do refugiado/família.

Quando as pessoas passaram por experiências traumáticas, viveram na incerteza num país estrangeiro durante vários anos, estão a deixar amigos e entes queridos para trás, viajam para o desconhecido e em muitos casos podem nunca ter viajado antes, a viagem para Portugal pode ser bastante stressante. Consequentemente a OIM tem pessoal que presta apoio aos grupos que viajam para Portugal, de modo a facilitar a viagem o mais possível. Este apoio consiste por exemplo em: apoiar as pessoas a passarem o controlo de segurança e o controlo de passaportes, garantir que os refugiados comem e bebem água suficiente, responder a questões sobre a viagem e ligar os refugiados aos parceiros de acolhimento na chegada. Em caso de necessidades médicas muito sérias, o acompanhamento engloba acompanhamento médico durante toda a viagem.

A OIM também fornece orientação pré-partida aos refugiados. A intenção desta orientação é construir uma fundação para uma integração a longo prazo mediante a transmissão de informação básica sobre a viagem e trabalhar atitudes em relação ao que os espera em Portugal, de modo a definir expectativas realistas sobre a sua reinstalação e sobre o apoio que vão receber. A orientação pré-partida tem uma duração entre 1.5 a 3 dias, dependendo do país, e cobre os seguintes tópicos:

- Introdução a Portugal
- Informação sobre viagem e pré-partida
- Serviços pós chegada
- Emprego
- Acomodação
- Apoios sociais
- Educação
- Direitos e deveres
- Saúde
- Comunicação e adaptação cultural

Tendo em conta a quantidade de informação a transmitir em pouco tempo e devido ao facto de que a memória e a concentração de uma pessoa podem ser afetadas por fatores como ansiedade devido à incerteza e às circunstâncias da sua vida, não é esperado que as pessoas se lembrem de todos os detalhes da sessão de orientação pré-partida. Assim, esta orientação foca-se nas mensagens chave definidas em conjunto com o SEF e com as instituições de acolhimento e procura trabalhar competências e atitudes para facilitar o processo de integração. O foco na construção de recursos pessoais e redes sociais é também importante para estabelecer um sentimento de auto eficiência na definição da vida no país de acolhimento. A orientação pré-partida também se foca em valores de Portugal, como igualdade de género, Estado de Direito, liberdade de expressão, tolerância, respeito pela diversidade e direitos das crianças e pessoas com deficiência.

A OIM procura utilizar nestas sessões facilitadores que são multilingues e multiculturais para reforçar a compreensão e as sessões são desenhadas para serem o mais participativo possível de modo a auxiliar a retenção de conhecimentos.

Unidade 5 - Adaptação cultural e resiliência

Objetivos

Esta unidade visa por os participantes a pensar sobre as suas próprias experiências com transições e adaptação a um novo ambiente. Ao serem capazes de criar empatia com essas experiências, esta unidade procura desenvolver uma compreensão alargada da fonte de algumas expressões emocionais relativas ao ajuste a uma nova cultura e como apoiar uma outra pessoa no processo de adaptação. Os resultados da aprendizagem para esta unidade são os seguintes:

- Compreender o stress e os sintomas do choque cultural e os seus efeitos nas atitudes e no bem-estar de uma pessoa
- Conseguir ser empático através de experiências pessoais
- Compreender os passos da adaptação cultural
- Compreender os apoios e desafios no ajuste a um novo ambiente
- Compreender a resiliência e como as pessoas que apoiam os refugiados podem encorajá-la nos refugiados enquanto estes trabalham para se adaptarem a um novo ambiente
- Compreender como a dinâmica de uma família pode ser alterada à medida que os indivíduos se ajustam a ritmos diferentes: explorar quem beneficia, quem fica desmoralizado e como apoiar cada indivíduo nesta dinâmica

Duração

- 5.1. – 10 minutos de apresentação sobre adaptação cultural
- 5.2. – 20 minutos de debate “Cartas para Rania”
- 5.3. – 10 de apresentação sobre resiliência
- 5.4. – 50 minutos de debate sobre adaptação cultural numa família
- 5.5. – 40 minutos de debate sobre resiliência

Material

- Quadro branco
- Apagador
- Marcadores
- *Datashow*
- Computador
- Apresentação *powerpoint*
- *Flipchart* com notas da atividade “Escrever com a mão “errada””
- Canetas
- Papel
- Cartas a Rania
- Artigo do NY Times “Admiração e preocupação à medida que uma criança síria se transforma” e correspondente guia de debate
- Roda da resiliência

Metodologia

Participativa, com recurso a *powerpoint* e debates estruturados

Mensagens-chave

5.1. Adaptação cultural

Por vezes, a discussão sobre a adaptação a uma nova cultura foca-se no choque cultural, que é uma descrição de emoções e experiências negativas provenientes de um processo de adaptação cultural muito mais abrangente. É, portanto, importante examinar o que queremos dizer especificamente com choque cultural. É comum encontrarmos definições como a seguinte:

“Um estado de desorientação e angústia experienciado por um indivíduo que é subitamente exposto a um ambiente social e cultural que lhe é estranho, novo ou exterior”⁴⁷.

Embora esta definição seja tecnicamente correta, há alguns aspetos diferentes a abordar. O primeiro é que esta definição oferece uma lista limitada de sintomas (“desorientação e angústia”) e verificou-se na atividade inicial de quebra-gelo que há um leque variado de sintomas e sentimentos associados com o choque cultural [fazer referência às notas da atividade que estão no *flipchart*].

O segundo ponto é que esta definição pode dar a impressão que a pessoa que está a experienciar o choque cultural compreende o que se está a passar consigo. Contudo, a experiência é frequentemente gradual e com pequenas subtilezas e pode ser difícil para alguém reconhecer as fontes das suas dificuldades por si só.

⁴⁷ Definição do Dictionary.com

Pode, portanto, ser mais vantajoso pensar em choque cultural como o stress relativo a uma transição, mas de uma transição que afeta todas as dimensões da vida de alguém ao mesmo tempo⁴⁸.

Como foi debatido na Unidade 2, à medida que cada pessoa cresce numa sociedade, desenvolve um conjunto de ferramentas e uma forma de compreender o tipo de situações com que se depara e de determinar como lhes deve responder. Uma vez num contexto cultural novo, essas dimensões culturais podem, contudo, não funcionar tão bem como antes. O indivíduo já não consegue ler de forma adequada a situação e pode consequentemente não saber como responder. Isto resulta claramente em mal-entendidos, que podem ir de severos a benignos, mas que no seu conjunto contribuem para o choque cultural⁴⁹.

A transição é algo que toda a gente experiencia ao longo da vida, quer seja viver num país diferente ou não: ir para a universidade, começar um novo emprego ou mudar para uma nova cidade.⁵⁰ [Perguntar aos participantes para pensarem num momento de transição nas suas vidas e encorajá-los a partilhar as emoções que sentiram naquele momento. Não precisam de partilhar as histórias; ao invés uma emoção é suficiente. Este exercício deve demorar alguns momentos. Depois da partilha, mostrar a lista de sintomas comuns de choque cultural. Confirmar que alguns destes coincidem com os sentimentos partilhados]

- Raiva
- Aborrecimento
- Irritabilidade
- Ansiedade
- Saudades de casa
- Ataques de pânico
- Falta de motivação
- Excesso de tempo gasto em procrastinação (dormir, ver televisão, etc.)
- Perda de autoconfiança
- Sentimentos de desespero e desamparo
- Afastamento
- Comportamentos compulsivos
- Pensamentos suicidas⁵¹

Alguns destes sintomas sobrepõem-se com sintomas de trauma e é importante reter que se uma pessoa sofre de stress pós-traumático, estes sintomas podem complementar a experiência de choque cultural. Uma pessoa pode ter vários sintomas ao mesmo tempo, os sintomas podem ser cíclicos e pode desenvolver-se um padrão com o tempo. Porém, sem conhecer ou perceber o choque cultural, uma pessoa que o

⁴⁸ Richey, Michael, "JET [Intercâmbio e ensino no Japão] Programa Choque cultural: O choque cultural pode ser difícil, mas compreendê-lo não", <https://www.tofugu.com/japan/culture-shock-in-japan-on-the-jet-program/>, 23 Junho 2015.

⁴⁹ Ibid.

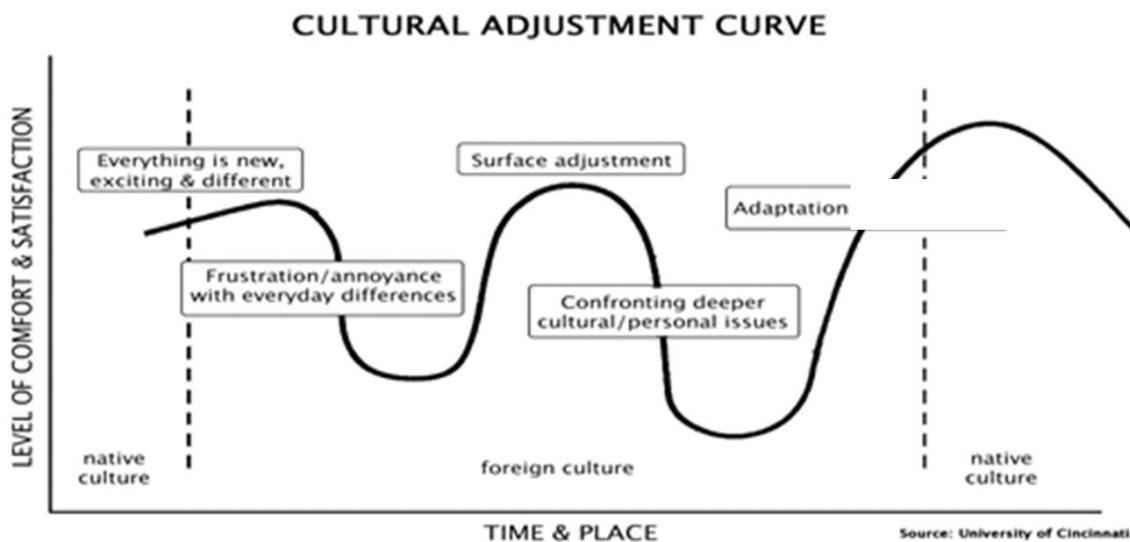
⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

experimenta pode ter alguma dificuldade em compreender de onde vêm as suas emoções e reações. [É útil se o facilitador falar da sua própria experiência de sintomas que possam ter experimentado para personalizar a apresentação].

O choque cultural, é, contudo, a descrição das dificuldades de um processo de adaptação cultural mais abrangente. Pode também haver emoções positivas na adaptação a uma nova cultura, conforme se vê no modelo infra. [Referir uma reação positiva nas notas do *flipchart* relativas à atividade de quebra-gelo].

Quando se debate adaptação cultural, muitos utilizam o modelo “U”, como um gráfico que tem uma curva significativa no meio. Contudo, o modelo “W” apresentado infra, pode dar um enquadramento mais adequado para compreender a adaptação cultural, uma vez que reconhece uma segunda curva significativa que pode ser experienciada por muitos. O gráfico infra apresenta um potencial método para a compreensão da adaptação cultural, mas não deve ser utilizado como uma fórmula absoluta, isto porque cada indivíduo tem a sua forma de se ajustar.



Há 5 estádios básicos no modelo “W”. O primeiro é normalmente referido como a fase da lua-de-mel. Quando se chega a um país novo, pode sentir-se a excitação de novas experiências e novas oportunidades. Uma pessoa depara-se com o fascínio das diferenças grandes e pequenas e sente-se otimista e esperançosa em relação ao futuro.

Contudo, ao longo do tempo, a novidade da cultura mantém-se, mas a pessoa não tem uma rotina para se imbuir na experiência. Nesta segunda fase, uma pessoa pode sentir-se sobrecarregada e incapaz de gerir com eficiência o seu dia-a-dia. No dia 1, ter uma torneira para água quente e outra para água fria pode ser uma diferença fascinante, mas no dia 30 a pessoa só quer uma torneira com uma temperatura ajustável. Insulta-se alguém, mas não se sabe como ou como se pode redimir disso. O empregado do supermercado ficou chateado porque a pessoa demorou muito tempo a contar o dinheiro, etc.

Com o tempo, a pessoa pode começar a construir uma rotina e um sentido de como gerir o seu dia-a-dia, o que leva ao terceiro estado de adaptação à superfície. Neste momento, a pessoa pode ter um supermercado favorito e saber onde todos os artigos se encontram. A pessoa pode ter começado a fazer novos amigos e eventualmente terá o primeiro trabalho. Tudo isto pode contribuir para a sensação de que já se sabe como a vida funciona no novo ambiente.

Contudo, o que isto permite é tempo para refletir sobre as diferenças mais profundas no quarto estágio. É aqui que uma pessoa pode começar a sentir que está a tocar nas partes do “icebergue cultural” que estão submersas e a mexerem com a identidade da pessoa nesta nova cultura. Sim, a pessoa tem amigos, mas não compreende metade do que falam porque falam sobre filmes, música ou histórias que a pessoa não experienciou com eles. A pessoa fica cansada de estar sempre a traduzir os seus pensamentos para uma língua estrangeira. O novo trabalho não dá o estatuto, as recompensas e a identidade que a pessoa pode ter passado grande parte da vida a construir. A pessoa está exausta e desencorajada e a vida deixa de ser simples e natural depois de todo o esforço que foi colocado em compreender o novo ambiente. A pessoa pode sentir-se desconectada com o lugar no qual já trabalhou tanto para se ajustar a um nível superficial.

Quando há este confronto com o quarto estágio, havendo disponibilidade para olhar para as diferenças que se podem aceitar, para aquilo que se pode manter de si próprio e para aquilo que se pode alterar, começa-se a renegociar uma nova identidade. A identidade de uma pessoa pode mostrar diferentes facetas de um ambiente cultural para outro. Ao renegociar a identidade, o indivíduo pode voltar a sentir-se em casa no seu novo ambiente cultural, levando-o ao quinto estágio de adaptação.

Há algumas coisas a reter deste modelo. Embora o modelo W seja desenhado com uma linha sólida, deve ser imaginado como uma linha ondulada, com altos e baixos. Uma pessoa pode estar mais em baixo, mas sentir um sentimento de conquista num dos dias ou estar mais em cima e ter um dia mais difícil.

É também importante reter que não existe um tempo definido. O tempo que pode demorar a uma pessoa a passar pelos estádios do modelo varia. As experiências, as competências e as atitudes que uma pessoa tem afeta a própria experiência e o tempo deste processo. Por exemplo, as crianças costumam dar-se melhor, porque aprendem a língua mais depressa e adaptam-se mais rapidamente. Aqueles que já viajaram ou com níveis de educação elevados também podem ter uma adaptação mais fácil, pois já adquiriram experiências que os irão auxiliar a ultrapassar os desafios. Podem então ser os idosos, as pessoas com menos escolaridade, ou aqueles que nunca quiseram sair da sua cidade e muito menos do seu país, que podem ter dificuldades acrescidas na adaptação.

Infelizmente, nem toda agente irá necessariamente atingir um ponto de adaptação. Alguns podem demorar-se numa adaptação superficial ou num pico de frustração. Muito embora haja coisas que os profissionais e os voluntários que trabalham com refugiados reinstalados podem fazer para apoiar quem se tenta adaptar a uma nova cultura, no fim de contas essa é uma viagem do indivíduo.

O modelo de adaptação cultural pode ser também pensado como algo cíclico, com as pessoas a saltar periodicamente entre momentos de frustração ou desafios mesmo depois de se sentirem em casa na nova cultura. Estas reversões podem não ser tão desafiantes ou chocantes como no início, mas podem ocorrer periodicamente⁵².

Por fim, alguns comparam o modelo W a um modelo de luto. É importante ter em mente, pois é fácil cair na armadilha de assumir que as condições e as experiências que um refugiado enfrentou são tão horríveis que ele ou ela estarão eternamente gratos pelo que quer que seja a sua vida em Portugal. Contudo, a maior parte destas pessoas não foi sempre refugiada. Estas pessoas tinham vidas e conquistas e objetivos muito antes de terem sido obrigadas a fugir. Essas vidas foram postas em espera quando eles foram obrigados a fugir e muitos procuram continuar uma vida normal assim que chegam ao país de acolhimento. Consequentemente, muitos vão basear as suas expectativas não na sua vida como refugiados, mas na sua vida antes de o serem. Infelizmente, isto não é algo que possa ser replicado quer em Portugal ou noutra local do mundo, e à medida que os refugiados se tentam ajustar na sua nova vida em Portugal, muitos irão habituar-se a essa perda. É, portanto, nossa responsabilidade ter este assunto em mente quando se tenta gerir esses momentos de frustração que pode ser expressado pelos refugiados.

5.2. Debate “Cartas para Rania”

Este exercício é desenhado para ajudar os participantes a fazer a ligação entre o modelo de adaptação cultural às lutas, conquistas e sintomas de uma pessoa. Ao analisar os estádios do modelo com recurso a exemplos, cria-se um entendimento mais profundo que servirá de base ao debate subsequente que analisará como é que a dinâmica numa família se pode alterar em virtude de alterações individuais e como é a necessidade de apoio individual e que papel tem a resiliência em cada indivíduo.

Distribuir as cartas a Rania, garantindo que todos os participantes têm uma cópia. Explicar que as cartas são ficção e são escritas por uma mulher chamada Alia à sua amiga Rania, e são sobre a sua perceção da sua vida em Portugal. Especificar que as cartas não estão em ordem sequencial e instruir os participantes a ler as cartas e a decidir em grupo a ordem das cartas em conformidade com o modelo W. Pedir aos participantes para chegar, em 5-10 minutos, a um consenso no seu grupo e para identificarem também os sintomas que detetam nas cartas.

Assim que a maioria tiver chegado a uma conclusão, voltar a reunir o plenário e pedir a um voluntário que descreva o período “lua-de-mel”. Perguntar se todos concordam e o que indica que essa carta representa esse período. Repetir esta pergunta/dinâmica, para todos os estágios do modelo. Caso haja desacordo, encorajar as partes a debater por que acham que a carta que escolheram descreve melhor um determinado estágio. Adicionar pontos ou guiar o debate para a resposta pretendida, se necessário. A ordem das cartas é: BEACD.

⁵² Ibid.

Os pontos que o facilitador pode querer enfatizar ou levantar durante o debate podem incluir:

- Tanto as cartas E e C contêm sintomas negativos que indicam que a Alia está numa fase mais em baixo. Embora alguns dos sintomas da carta E possam parecer bastante negativos (tal como “chorar o dia todo” ou estar demasiado cansada para se vestir), o aspeto diferencial é aquilo que está a causar os sintomas negativos. Uma vez que os sintomas e as reações podem variar de pessoa para pessoa, não podemos confiar apenas nos sintomas para nos dizerem quais são as necessidades dessa pessoa, mas devemos também olhar para a causa destes. Na carta E, as causas são essencialmente necessidades do dia a dia: apanhar um autocarro, perder-se, comunicação básica. Na carta C, as causas são mais existenciais: a Alia sente-se desconectada dos seus amigos e dos seus interesses. Trabalhou muito para conseguir o trabalho que tem, mas agora questiona-se se esse trabalho é tudo que a vida lhe reserva. Não é o seu verdadeiro objetivo ou carreira, mas um passo no qual se sente presa.
- Na carta A onde se verifica uma adaptação superficial, o tom da Alia não é de felicidade extrema, mas é de estabilidade e de ser capaz de reconhecer o progresso que fez e de se sentir confiante o suficiente para experimentar novas coisas com novas pessoas. Podemos distinguir a adaptação superficial da carta A da adaptação na Carta D porque a Alia fala do seu trabalho como um passo para algo melhor e não a meta em si mesma. A forma como fala das pessoas é que são simpáticas, embora não gostem todos das mesmas coisas, ela está a experimentar coisas novas e a divertir-se.
- Na carta C, a Alia sonha com dar a mão à sua amiga, ver a sua série favorita e comer doces. Ela quer criar um casulo de familiaridade. Enquanto as comunidades de acolhimento se preocupam com o isolamento (e por boas razões), também é importante reconhecer que em determinados momentos uma pessoa pode precisar de descansar de estar sempre a obrigar-se a avançar e não há problema em dar-lhes espaço para isso.
- Na carta D, há vários pontos que indicam adaptação. Ela tem estado demasiado ocupada para escrever, o que indica que não está a olhar tanto para o passado e está mais focada em viver a sua vida. Ela tem a confiança e a independência financeira para comprar um carro. Ela está prestes a ter a sua certificação profissional para atingir um objetivo profissional. Ela descreve que as pessoas na sua vida são “engraçadas”, o que demonstra que ela tem quer a compreensão linguística, quer a compreensão cultural para compreender as piadas, o que é um feito enorme. Mais importante é que ela também descreve essas pessoas como pessoas que a sua velha amiga iria gostar muito, indicando o nível de conexão que sente com eles. Até começou a fazer ioga, potencialmente um novo passatempo.

5.3 Resiliência

“Temos que ultrapassar a ideia que as nossas pessoas estão traumatizadas. Estávamos traumatizados, sim é verdade e não há problema. Mas isso não representa o que somos. Somos algo diferente e conseguimos produzir. Conseguimos oferecer. Conseguimos contribuir”⁵³.

Embora seja importante compreender e reconhecer os desafios que os refugiados podem ter experienciado por terem sido obrigados a fugir ou que continuam a viver enquanto tentam adaptar-se a um novo ambiente, o principal papel da reinstalação é apoiar as pessoas a reconstruir as vidas que querem viver. Tal como as pessoas que são refugiadas não o foram sempre, o termo “refugiado” não tem que ser o seu elemento identificador das suas vidas daqui para a frente. A resiliência tem um papel bastante significativo na adaptação cultural e no processo de capacitação de uma pessoa em avançar para além das circunstâncias da sua deslocação para os seus objetivos futuros.

*“A resiliência é a capacidade em enfrentar circunstâncias desafiantes ou ameaçadoras sem desistir, lutar contra a adversidade e manter ou readquirir forças depois de situações difíceis ou stressantes”.*⁵⁴ Embora possa ser tentador pensar na resiliência como uma qualidade inata, vários estudos demonstram que esta é um processo contínuo e dinâmico⁵⁵.

O foco na resiliência necessita de uma alteração na perspetiva na qual os esforços não se centram mais ao redor de défices e fatores de risco, mas passam a olhar para que recursos e capacidades estão disponíveis para resolver problemas e como valorizar e expandir o potencial de um refugiado. Enquadramentos baseados em pontos fortes podem, portanto, ter um papel fundamental no que diz respeito a ir para além das narrativas de trauma (que pode causar mais mal do que bem se for demasiado enfatizado) de modo a facilitar a resiliência⁵⁶.

Assim, o foco em pontos fortes e o apoio à resiliência requer não apenas recursos individuais, mas também recursos do ambiente social. É algo que pode ser trabalhado com os refugiados para promover/trabalhar na reconstrução das suas capacidades a longo prazo para gerir desafios presentes e futuros no país de reinstalação.

Os recursos pessoais tais como as atitudes e as competências são muito importantes para gerar resiliência.

- Atitudes benéficas incluem:
 - Autoeficácia;
 - Confiança e autoestima;
 - Otimismo

⁵³ Refugiado que participou num estudo desenvolvido por Marlowe J. (2009). Antes do discurso do trauma: desviar o foco dos refugiados sudaneses, *Jornal de Estudos sobre Refugiados*, 23(2).

⁵⁴ Currículo Admin4All, Sessão 10.

⁵⁵ Hutchinson M. & P. Dorset (2012). O que diz a literatura sobre a resiliência dos refugiados? Implicações para a prática, *Jornal de Inclusão social*, 3(2).

⁵⁶ Ibid.

- Abertura a criar ligações com outros
- Tolerância à ambiguidade
- Atitudes úteis incluem
 - Empatia
 - Inteligência emocional
 - Flexibilidade
 - Competências para resolução de problemas
 - Competências de comunicação

O indivíduo pode ter algumas destas atitudes e competências, pode ter tido outras que, entretanto, são menos fortes e pode nunca ter tido algumas delas, mas estas podem ser construídas e encorajadas.

Não obstante, os recursos pessoais são apenas parte do puzzle da resiliência. Ligações a ambientes sociais próximos são também igualmente importantes, incluindo:

- Relações emocionais estáveis com pelo menos um familiar, amigo, colega, etc.;
- Exemplos positivos;
- Relações positivas com irmãos e/ou pares

A comunidade trás as últimas peças que são importantes para a resiliência, incluindo:

- Apoio socioeconómico variado, adaptado e acessível;
- Um ambiente físico familiar e amigável;
- Informação acessível e consistente;
- Oportunidades para participar em eventos sociais e conhecer novas pessoas
- Oportunidades para contribuir para a comunidade

A roda de resiliência infra demonstra alguns dos aspetos chave a considerar quer no apoio direto a migrantes individuais, quer no desenvolvimento de um ambiente que promove a resiliência.



Cuidados integrados e sistemas de apoio: Ouvir as preocupações do refugiado (mesmo que por vezes sejam repetidas) e responder às suas questões de forma clara, consistente e apropriada. Ter cuidado com prestar demasiada informação já que pode ser demais e criar mais confusão do que clarificar as dúvidas.

Expectativas altas: Expressar a certeza que o indivíduo pode lidar com uma situação ou tarefa específicas e demonstrar que se acredita na sua força e capacidades. Ao criar um plano de ação para resolver uma situação que necessita de ações quer dos funcionários, quer dos refugiados, adaptar as tarefas aos diferentes níveis de competências, com base nas necessidades individuais.

Oportunidades de participação: Pensar em conjunto com os refugiados formas de resolver problemas, quer a um nível de apoio individual quer em termos de práticas de apoio da própria organização. Encorajar os refugiados a assumir responsabilidade em apoiar os profissionais e/ou outros refugiados e criar um envolvimento no processo.

Reforçar ligações: Providenciar os refugiados com atividades positivas a serem realizadas com outros refugiados e/ou outros membros da comunidade. Dar oportunidades aos refugiados para partilhar a sua

cultura com a sua nova comunidade é tão importante como convidá-los para eventos culturais da comunidade de acolhimento.

Fronteiras claras e consistentes: Ser justo e consistente na definição de fronteiras bem como na comunicação de que profissional é responsável por tratar de determinados assuntos. Tal como debatido na Unidade 3, os refugiados podem pedir ajuda ao máximo número de pessoas possível, mesmo que não estejam a pedir à pessoa responsável pela matéria. É importante redirecioná-los para a pessoa competente, comunicando de forma consistente as fronteiras do sistema de apoio.

Competências de vida: Encorajar os refugiados a comunicar os seus pensamentos (balançando a necessidade de garantir que as conversas não se focam apenas no problema e não na solução). Dar oportunidades aos refugiados para desenvolver e praticar empatia, cooperação e flexibilidade (por exemplo, através da definição de novas tarefas ou promovendo visitas de estudo no âmbito das aulas de português)⁵⁷.

5.4. Debate sobre adaptação cultural numa família

Esta atividade foi desenhada para explorar em que medida as dinâmicas de uma família podem ser complicadas e alteradas à medida que cada um dos seus membros se ajusta ao novo ambiente a diferentes ritmos e de diferentes maneiras. A atividade fornece uma oportunidade aos participantes para pensarem em conjunto e trocarem experiências sobre como prestar apoio e compreender os refugiados individualmente no âmbito das complexidades de uma dinâmica familiar. Muito embora o artigo se foque numa família reinstalada no Canadá, descreve de forma excelente as questões do ponto de vista de cada elemento da família e cobre tópicos que são comuns aos programas de reinstalação.

Distribuir um guia de discussão por grupo. O propósito do guia é relembrar os participantes das questões que lhes foram colocadas depois de lerem o artigo “Espanto e preocupação” de modo a guiar a discussão de grupo [Cada guia ordena as questões do guia enviado previamente para garantir que as questões são consideradas em profundidade por pelo menos um grupo, já que pode não ser possível cobrir todas as questões no tempo disponibilizado].

Perguntar aos grupos para discutirem as questões na ordem que lhes foram apresentadas. Clarificar que não há problema se não conseguirem abordar todas as questões. Dar 20 minutos para a discussão.

Após os 20 minutos da discussão de grupo, juntar o plenário para debate. Colocar uma das questões ao grupo e pedir a um voluntário para sumariar a discussão do grupo sobre essa questão. Permitir/encorajar os participantes de outras mesas a contribuírem para o tópico se for apropriado. Repetir todas as questões ou esgotar o tempo disponibilizado para discussão.

Pontos que o facilitador pode querer enfatizar ou levantar durante o debate podem incluir:

⁵⁷ Adaptado do currículo Admin4All sessão 10, e de “utilizar a roda da resiliência em intervenções em crise, Nan Henderson, M. S. W. <https://www.resiliency.com/free-articles-resources/crisis-response-and-the-resiliency-wheel/>

1. Quais são os prós e os contras de convidar a família Mohamed para diferentes eventos culturais do Canadá? Como é que alterariam esta abordagem para mitigar os contras?
 - Os convites para eventos culturais do Canadá causaram algum desconforto não intencional, especialmente aos pais, relativamente a questões relacionadas com a religião e identidade, e em relação às quais a comunidade não tinha consciência. Isto não significa que não devem ser feitos convites, estes são na verdade muito importantes. Contudo, como é que os participantes podem antecipar e mitigar o desconforto quando fazem este tipo de convites? (Exemplos: providenciar mais informação sobre a comemoração, encorajar o debate/questões da família, etc.)
 - Os refugiados são no fim de contas pessoas, e nem toda as pessoas quererão interagir frequentemente com a comunidade. Isto pode ser devido à fase de adaptação cultural em que se encontram ou devido à sua personalidade. Como é que os refugiados podem ser incluídos sem os pressionar quando não querem? (Exemplos: explorar os seus interesses individuais e encontrar oportunidades que se encaixam nesses interesses, tentar saber se a pessoa prefere interações individuais ou em grupo, criar confiança e relações individuais, etc.)
2. Como comparam a forma como a Bayan, o Eman e o Abdullah estão a encarar a sua transição para a vida no Canadá?
 - A Bayan está a ajustar-se muito rapidamente. A maior parte das crianças fazem-no bastante bem, aprendem a língua mais depressa do que os seus pais e adotam as normas culturais dos seus amigos e dos seus pares. Não obstante, os adolescentes podem ter mais dificuldades, uma vez que esse é o momento que começam a negociar a sua identidade como adultos e ao mesmo tempo são catapultados para um novo ambiente com novas regras, e muitas ficaram para trás.
 - Alguns indivíduos na família podem ser capacitados pela mudança e alguns podem ficar desmoralizados. Muito embora possamos não concordar culturalmente com algumas razões para esse sentimento de capacitação/desmoralização (por exemplo, um homem sentir-se desmoralizado por ter que realizar tarefas domésticas enquanto a sua mulher trabalha), é importante reconhecer que estas são reações naturais a mudanças profundas e identificar as necessidades de cada indivíduo. O que pode ser feito para apoiar os indivíduos de uma família? (Exemplo: respeitar os papéis de género observados pela família enquanto se continua a oferecer oportunidades adaptadas aos dois)
 - É importante incluir todos os adultos na conversa, mesmo aqueles que falem menos português. O facto de o Senhor Mohamed ser excluído de algumas conversas devido ao seu domínio mais limitado do inglês só aumenta a sua sensação de estar perdido, desamparado e de ser pouco importante.
3. Como descreveriam os desafios do Eman e do Abdullah na renegociação da sua relação com o novo ambiente? Quais são os efeitos da adaptação do Bayan na sua abordagem ao estilo parental?

- Este casamento está a aguentar o choque relativamente bem, mantendo-se flexível e mesmo assim causa-lhe impacto. Alguns casamentos vão passar por muito mais stress;
 - Os pais têm o stress de gerir o seu próprio choque cultural bem como adaptar-se aos desafios das mudanças dos seus filhos e as alterações às dinâmicas familiares. Devem descobrir como negociar as suas próprias identidades num novo país, enquanto devem definir um balanço para ajudar os seus filhos no processo de adaptação e ao mesmo tempo guiar o seu desenvolvimento/disciplina com base nos valores que consideram válidos.
 - À medida que os pais jovens aprendem a língua e as normas culturais rapidamente, pode ser tentador utilizá-los como interpretes/embaixadores da família, numa série de ocasiões. É necessário ter em consideração a pressão que isso pode colocar nas crianças e como pode afetar a supervisão dos pais (por exemplo, no caso de incidentes relacionados com o comportamento na escola).
4. O que acham que o Abdullah quer dizer com “Estamos felizes, mas fomos forçados a estar aqui”? Como é que esta atitude afeta a conceção do apoio que os participantes podem oferecer?
- Ao contrário de outros migrantes, os refugiados foram forçados a fugir pela violência/perseguição/falta de segurança. Esta falta de escolha proativa em abandonar a sua terra pode afetar a sua capacidade de adaptação a um novo país. Ao escaparem do modo de sobrevivência do limbo em que muitos vivem nos países vizinhos, têm tempo para fazer o luto da sua vida na Síria antes do conflito ter começado. Estão prontos para se sentirem em casa e portanto a sua vida em Portugal está a ser comparada à vida que tinham na Síria antes do conflito, e não aos perigos e desafios bem reais que viveram nos anos que se seguiram ao início do conflito.
 - Consequentemente, os refugiados nem sempre sentirão gratidão, nem sempre concordarão com os profissionais, vão lutar com o que funciona melhor para si enquanto ainda sentem saudades da vida que perderam antes do conflito. É importante reconhecer isto, não levar isto a peito ou ficar frustrado e tentar empatizar, tentando colocar-se no lugar desses refugiados.
5. Que opinião tem do desejo da Bayan em participar na visita de estudo da escola e da decisão do seu pai de não a deixar ir? Como teria gerido esta situação?
- Os refugiados viram frequentemente a sua independência limitada por vários anos em determinadas circunstâncias. É portanto muito importante não lhes retirar o poder para tomar decisões. As suas decisões podem não ir de encontro àquilo que podemos considerar melhor mas no final é a sua vida e a sua família e é importante respeitar as suas decisões, sem prejuízo de partilhar opiniões divergentes. Caso seja a segurança de alguém que esteja em risco, então é preciso tomar uma medida, mas se o caso for outro é importante respeitar as decisões da pessoa.

- O papel principal é o de motivador e não de juiz, embora ocasionalmente seja bom puxar as pessoas para fora da sua zona de conforto, uma vez que é fácil ser consumido por dúvida e negativismo durante este processo desgastante.

5.5. Debate sobre resiliência.

Este exercício visa ligar a resiliência à adaptação cultural, partindo da discussão sobre a família Mohamed no artigo “Espanto e preocupação”. Este exercício visa dar uma oportunidade aos participantes para olharem mais em concreto para os serviços disponíveis e alterá-los mediante a incorporação de um enquadramento baseado em pontos fortes para desenvolver a resiliência.

Começar o exercício por identificar que o Abdullah pode beneficiar particularmente da (re)construção da resiliência e relembrar a roda da resiliência do 5.3. Enfatizar que os profissionais, direta ou indiretamente, com a colaboração de outros interessados, podem colaborar na prestação de apoio e serviços que se baseiam nos diferentes setores da roda.

Dividir os participantes em 3 ou 6 grupos, dependendo do total de participantes ser ou não acima de 15. Distribuir setores da roda da resiliência a cada grupo. Se houver 3 grupos, dar 2 setores da roda a cada.

Pedir a cada grupo para refletir sobre as potenciais necessidades de apoio do Abdullah nos setores da roda que possuem. Que serviços são atualmente fornecidos pelos participantes que podem ajudar com esta área da resiliência para o Abdullah? Que alterações possíveis podem ser feitas a serviços para melhor responder às suas necessidades de apoio à resiliência? Se os participantes sentirem que não é fornecida informação suficiente neste artigo, podem extrapolar e utilizar as suas experiências com outros refugiados, conforme necessário.

Cada grupo deve escrever as suas ideias no *flipchart* e definir um membro para apresentar os seus resultados. Dar 20 minutos ao grupo para a discussão.

Assim que a discussão tiver sido concluída, convidar cada grupo para partilhar com todos as suas conclusões e pedir aos outros grupos para comentar ou fazer sugestões. As discussões do plenário não devem ultrapassar os 20 minutos.

Concluir a atividade enfatizando que estes pontos podem constituir uma lista de sugestões para projetos futuros ou para melhorias no apoio à resiliência dos refugiados.

No fim, distribuir os questionários de avaliação.

LINK IT
International Organization for Migration
Portugal
link-it@iom.int



This report was funded by
the European Union's Asylum,
Migration and Integration Fund.